

Luís Sttau Monteiro

Felizmente há Luar

Peça em 2 Actos





Felizmente Há Luar!

Peça em 2 actos

7ª Edição

Edições Ática
LISBOA

Distribuição exclusiva:
LIVRARIA BERTRAND

*Ao Fernando de Abranches Ferrão
- amigo de todas as horas -,
que quase me obrigou a escrever esta peça.*

HOLYOAKE (Making an effort) -I have injured no mans reputation, taken no mans property, attacked no mans person, violated no oath, taught no immorality. I was asked a question and answered it openly. I Should feel myself degraded if I descended to finding out if my convictions suited every man in the audience before I uttered them. What is the morality of a law which prohibits the free publication of an opinion?

ERSKINE - You must have heard me state the law that if it be done temperately and decently, all men are at liberty to state opinions.

HOLYOAKE - Then liberty is a mockery. The word temperate means what those in authority think proper.

ERSKINE - An honest man speaking his opinions decently is entitled to do so.

HOLYOAKE - It must be already clear to you, gentlemen of the jury, that I am here for having been more honest than the law happens to allow. What is this temperate? What is intemperate? Invective, sarcasm, p...

ALEXANDER - Personality.

HOLYOAKE - Thank you, Mr. Alexander.

ALEXANDER - Pleasure.

HOLYOAKE - ... and the like. But these weapons are denied only to those who attack the prevailling opinion.

JOHN OSBORNE

A subject of scandal and concern

Esta peça foi representada pela primeira vez, em antestreia, na sede do CLUB FRANCO-PORTUGAIS DE LA JEUNESSE, de Paris, no dia 1 de Março de 1969, e foi estreada no dia 30 desse mesmo mês no THEATRE DE LOUEST PARISIEN, também de Paris, pelo TEATRO-OFICINA PORTUGUESA.

O espectáculo da estreia foi apresentado por este grupo e pela organização LOISIRS ET CULTURE, da RÉGIE NATIONAL RENAULT.

Distribuição

Manuel, o mais consciente dos populares - ANTÓNIO DE JESUS

Rita, mulher de Manuel - HELENA MARIA

Antigo Soldado do regimento de G. F. - JOTTA OLIVEIRA Vicente, um provocador - ANTÓNIO ASSUNÇÃO

Primeiro Popular - GILBERTO BANDEIRA

Primeiro Polícia - MIGUEL GUEDES

Segundo Polícia - ANTÓNIO CASTRO

D. Miguel Forjaz - Manuel MARTINS

Beresford - SANTOS DIONÍSIO

Principal Sousa - VALDEMAR SOUSA

Morais Sarmento, um denunciante - CÉSAR MORAIS

Andrade Corvo, um denunciante - FERNANDO TEIXEIRA

Frei Diogo de Melo - JOTTA OLIVEIRA

António de Sousa Falcão - ANTÓNIO HENRIQUE

Matilde de Melo - CLARA ROCHA

Padre - Manuel GUERREIRO

Encenação de:

Carlos César

Uma canção de Manuel Carvalho

DIAPPOSITIVOS DE J. P. DOUTRE-ROUSSEL SOM
DA MAISON DES JEUNES DE CACHAN

PERSONAGENS

Manuel - O mais consciente dos populares

Rita - A mulher de Manuel

Antigo Soldado - Um antigo soldado do regimento de Gomes Freire

Vicente - Um provocador em vias de promoção

Dois Polícias - Iguais a todos os Polícias

Vários Populares - O pano de fundo permanente

D. Miguel Forjaz, Beresford, Principal Sousa - Três conscienciosos governadores do Reino

Morais Sarmiento, Andrade Corvo - dois denunciante que honraram a classe

Frei Diogo de Melo - Um homem sério que destoaria nesta peça se nela não figurassem, também,

António de Sousa Falcão - O inseparável amigo, e

Matilde de Melo - A companheira de todas as horas de

O General Gomes Freire d'Andrade - que está sempre presente, embora nunca apareça.

A pergunta é acompanhada dum gesto que revela a impotência da personagem perante o problema em causa. Este gesto é francamente «representado». O público tem de entender, logo de entrada, que tudo o que se vai passar no palco tem um significado preciso. Mais: que os gestos, as palavras e o cenário são apenas elementos duma linguagem a que tem de adaptar-se.

ACTO I

Ao abrir o pano, a cena está às escuras, encontrando-se uma única personagem intensamente iluminada, ao centro e à frente do palco. Esta personagem está andrajosamente vestida.

Manuel - Que posso eu fazer? Sim: que posso eu fazer?

(Dá dois passos em direcção ao fundo do palco, detém-se, e continua)

Ao dizer isto, a personagem está quase de costas para os espectadores. Esta posição é deliberada. Pretende-se criar desde já, no público, a consciência de que ninguém, no decorrer desta peça, vai esboçar um gesto para o cativar ou para acamaradar com ele. (O réu não se senta ao lado dos juízes.) Muda de tom à voz. Está a imitar, com sarcasmo, alguém que se não sabe quem seja. Entende-se, todavia, que a personagem se refere ao ambiente político da época.

Volta ao seu tom de voz habitual.

Vê-se a gente livre dos Franceses, e zás!, cai na mão dos Ingleses!

E agora? Se acabamos com os Ingleses, ficamos na mão dos reis do Rossio...

Entre os três o diabo que escolha...

(Pausa)

Deus todo-poderoso para a frente... Deus todo-poderoso para trás... Sua Majestade para a esquerda... Sua Majestade para a direita...

(Pausa)

E enquanto eles andam para trás e para a frente, para a esquerda e para a direita, nós não passamos do mesmo sítio!

A pergunta não é dirigida a ninguém.

O gesto é lento, deliberadamente sarcástico.

Ilumina-se, subitamente, o fundo do palco. De pé e sentadas, várias figuras populares conversam. Algumas dormem estendidas no chão. Uma velha, sentada num caixote, cata piolhos a uma rapariga nova.

(Avança e detém-se junto duma mulher ainda nova, que dorme, no chão, coberta por uma saca)

A Rita dorme. A que horas chegou ela?

1º Popular *(Levantando-se dum salto e macaqueando as maneiras dum fidalgo, finge tirar um relógio do bolso dum colete inexistente)*

Saiba, meu senhor, que a Senhora Dona Rita chegou tarde.

Eram quase cinco horas pelo meu relógio de ouro.

(Finge levantar o relógio para o ver melhor.

Desfaz o gesto com violência e continua em tom raivoso)

Alguém aqui tem relógio?

(Como ninguém responde, volta a dirigir-se a Manuel)

O tom é irónico.

Esqueceram-se dos relógios em casa...

Manuel - Está bem. Está bem.

O primeiro popular volta a sentar-se.

Começa a ouvir-se, ao longe, o ruído de tambores.

Algumas personagens mostram alguma agitação.

(Dá um safanão na rapariga, que se volta a sentar e se levanta com lentidão)

São horas de nos irmos indo, mulher.

Rita - Já?

Manuel - Lembra-te do que temos de andar.

(Ouve o som dos tambores)

Que é isto?

(Todos se levantam e escutam a medo. Alguns pegam nos seus objectos pessoais - cestas, mantas esfarrapadas, uma abóbora, etc. - e preparam-se para fugir. Outros, parados, esperam que o som dos tambores indique a direcção da marcha das tropas.

O ruído afasta-se. Ficam todos calados, indecisos.)

Em tom de quem evoca o passado com saudade.

O grupo começa a prestar atenção ao diálogo.

1º Popular - Não vêm para cá.

O Antigo Soldado - Estas cantigas são inventadas. No regimento de Freire d'Andrade São cantadas com o estilo De lá ré ó liberdade.

1º Popular - Onde aprendeu vossemecê isso?

O Antigo Soldado - Em Campo d'Ourique - já evoca o passado lá vão mais de dez anos - quando eu era soldado no regimento de Gomes Freire...

Aqui onde me vêm já andei nas guerras...

Rita - Com o general?

O Antigo Soldado - Com o general, pois!

2º Popular - Conte lá, homem...

3º Popular - Em que guerra é que vossemecê andou?

Uma velha - E foi na guerra que aprendeu a cantar?

(O antigo soldado ri-se)

Então onde foi, homem?

(Juntam-se todos à volta do antigo soldado, que se destaca do grupo e avança para o proscénio seguido de todos.)

O Antigo Soldado

(Olha para o alto, tentando recordar-se)

Ora deixem ver...

Fala com entusiasmo. Vê-se que Gomes Freire é o seu herói.

Uma noite, em Julho, os rapazes lá do quartel organizaram uma festa em honra da Senhora da Piedade.

Vocês haviam de ter visto aquilo... A rapaziada fardada, no meio do povo... E raparigas? Aquilo é que era...

(Dá um beliscão na cara de Rita)

Onde aparecia o regimento de Gomes Freire não faltavam raparigas!

Uma voz - E ele?

O Antigo Soldado - Ele?

Ooutra voz - O general, homem...

O Antigo Soldado - Um amigo do povo! Um homem às direitas! Quem fez aquele não fez outro igual...

Este silêncio é pesado. As personagens olham para as mãos e para os lados. Foram longe de mais e sabem-no. Ainda têm nos ouvidos o ruído dos tambores, símbolo duma autoridade sempre presente e sempre pronta a interferir.

Fala muito depressa. Está cada vez mais excitado.

Manuel - Se ele quisesse...

(Silêncio.)

Vicente - Se ele quisesse? Mas se ele quisesse o quê? Vocês ainda não estão fartos de generais? Cornetas, tambores, tiros e mais tiros... Bestas!

(Sobe a um caixote)

Tu, José:

(Aponta para um dos presentes)

Tens sete filhos com fome e com frio e vais para casa com as mãos a abanar. Julgas que o Gomes Freire os vai vestir?

(Aponta para outro)

E tu, que não comes desde ontem - estás com pressa de ir para a guerra? Julgas que matas a fome com as balas? Idiotas! Nenhum de vocês tem um tecto que o abrigue no Inverno, nenhum de vocês tem onde cair morto, mas, mal passa um tambor, não há um só que não queira ir atrás dos soldados.

Faz com as mãos o gesto de quem toca tambor.

Pronuncia a palavra «rapaziada» com sarcasmo.

Fala alto, em tom de triunfo.

Catrapum! Catrapum! Catrapum, pum, pum! - Idiotas!

Olha lá:

(Aponta para o antigo soldado)

Se o teu Gomes Freire é tão bom como dizes e se a «rapaziada» lá do regimento é como tu a descreves, explica lá o que estás a fazer aqui...

(O antigo soldado encolhe os ombros)

Não abres a boca? Pois então falo eu!

(Para o grupo)

Este homem está aqui porque já não serve para nada. Ouviram? Está aqui porque já não interessa aos generais. O que eles querem é servir-se da gente! Quando um homem chega a velho e já não pode andar por montes e vales, de espingarda às costas, para eles se encherem de medalhas, tratam-no como um pobre fugido à Polícia: abandonam-no, mandam-no para a porta das igrejas para pedir esmola, e que a Virgem se compadeça dele...

(Para o antigo soldado)

À medida que fala vai-se excitando cada vez mais.

Que te dizem eles, os teus lá vai-se excitando generais, os tais com quem cada vez mais. Te bateste, quando te encontram na rua, miserável, sem um naco de pão para comer? Sabes o que te dizem? Sabes? Viram-se para as mulheres, e justificam os cinco réis da esmola, dizendo que te bateste como um valente na campanha do Rossilhão. E tu? Matas a fome com os cinco réis e com a recordação da campanha. Mas eles... eles vão para casa encher a pança!

Disso podes estar certo...

O Antigo Soldado - O Gomes Freire não é desses.

Fala com escárnio:

Vicente - Não é desses... Não é desses... Então de quais é ele? Duns que não existem? É um santo, o teu general...

Abre os braços num gesto que abrange os presentes, o fundo do palco, a miséria...

O Antigo Soldado - Não é um santo, é um homem como todos nós, mas...

Vicente - «Mas»? Não há «mas» nem meio «mas». O que há é homens e generais. Ou se é por uns, ou se é por outros. O teu general, então, é perfeito: nem sequer é português...

(Muito excitado)

Estrangeirado: estrangeirado é que ele é!

Manuel *(Falando ao grupo)* - Estrangeirado ou não, é capaz de se bater com os senhores do Rossio...

Vicente - Mas não se bate! Vais ver que não se bate! E sabes porquê?

(Volta a falar para o grupo)

Porque está feito com eles, porque essa gente é toda igual... O que interessa a uns interessa aos outros, e a todos interessa que a gente viva assim...

Uma voz - A Polícia!

(O grupo dispersa com rapidez enquanto pela esquerda do palco entram dois Polícias que se aproximam de Vicente. Este, de cima do caixote, continua a gritar: "Fujam! Fujam! A Polícia!" até à dispersão total do grupo. Durante a fuga dos populares a luz do fundo vai diminuindo de intensidade até desaparecer completamente. Os Polícias aproximam-se de Vicente, que desce do caixote e acamarada com eles. Ficam os três iluminados, no palco.)

Vicente - Há muito que os não vejo. Que é feito?

1º Polícia - Sempre a mesma coisa: rondas, feiras, serviço à porta deste ou daquele... sei lá. E tu?

Vicente - Cá vou, discutindo o general, de manhã, à tarde e à noite... Para esta cambada, o Freire é Deus.

Fala com certa tristeza.

(Senta-se, descalça o sapato e começa a consertá-lo)

Se não lhe tratamos da saúde, talvez nos trate da nossa...

2º Polícia *(Apanhando uma boneca esfarrapada de que uma se esqueceu ao fugir)*

Olha lá, Vicente: consegues tu inspirar a fiança desta gente?

Vicente - É simples: digo-lhes metade da verdade. Sou com o Gomes Freire? Lembro-lhes que o Gomes Freire é general e falo-lhes guerra. Haverá

alguém que se não lembre de guerra? A vida tem sido uma guerra atrás de outra... Odeiam Franceses e os Ingleses? Chamo estrangeirado Gomes Freire... O que não lhes digo é se ele não fosse estrangeirado era... era como outros... era mais um senhor do Rossio...

2º Polícia - E tu acreditas nele?

Vicente - Não. Só acredito em duas coisas: no dinheiro e na força. O general não tem uma nem outra.

Nitidamente embaraçado.

1º Polícia - É por isso, então, que...

(Os outros olham-no de frente)

Que... pois...

2º Polícia - Vá: acaba o que estás a dizer. O tempo passa e viemos aqui em serviço.

1º Polícia - Eu não ia dizer nada...

Vicente *(Calça o sapato e levanta-se)* - Ias, ias. Ias perguntar-me se foi por dinheiro que eu me virei contra os meus...

Fala como um alucinado, com frequentes pausas, que dão a entender não ser esta a primeira vez que pensa no assunto.

Ao falar da cara, levanta-se, assumindo a posição dum senador romano.

Era ou não era isso que me ias perguntar?

1º Polícia - Na verdade...

Vicente - Pois respondo-te, amigo. Respondo-te de boa vontade.

(Começa a passear em frente dos Polícias)

É verdade que nasci aqui e que a fome desta gente é a minha fome, mas... é

igualmente verdade que os odeio, que sempre que olho para eles me vejo a mim próprio: sujo, esfomeado, condenado à miséria por acidente de nascimento.

(Estaca no palco e toma uma posição de pessoa importante, de fidalgo retratado por um artista medíocre do paço)

Que diferença há entre mim e um fidalgo qualquer? Será que tenho uma cara diferente? Será que sou mais estúpido? Mais baixo? Mais alto? Serão as minhas pernas e os meus braços diferentes das pernas e dos braços dum desses fidalgotes das touradas?

Alarga os passos. Todos os seus gestos são estudados. Sente-se que passou longas horas estudando os hábitos e os maneirismos dos membros da classe a que desejaria ter pertencido. Ao falar, faz gestos com as mãos, gestos lentos, precisos, copiados dum fidalgo qualquer que teve ocasião de observar de perto.

De repente olha para os Polícias e compreende que está a dizer coisas que não deveria ter dito. Fecha as mãos. Domina-se. Adota um tom de voz ironicamente piedoso.

Não, meus amigos. A única coisa que me distingue dum fidalgo é uma coisa que se passou há muitos anos e de que nem sequer tive a culpa: o meu nascimento.

(Pausa)

Nasci a dois passos daqui, numa trapeira em que nenhum fidalgo entraria. Quando passo lá à porta, só Deus sabe o que sinto...

É por isso que odeio esta cambada a que pertenço, mas a que pertenço sem querer e com quem não tenho nada de comum!

Mas vocês não podem perceber isto...

(Cai em si)

Tenho estado a brincar, amigos. Querem saber porque vendo os meus irmãos? Pois vendo-os por amor a N. S. Jesus Cristo e a el-rei D. João VI, que há tantos anos anda pelos Brasis cuidando dos nossos interesses.

Sarcástico.

O sarcasmo é triste.

(Ri-se.)

1º Polícia - Pareces um doutor a falar...

2º Polícia - É tempo de lhe dizermos ao que vimos. Está a fazer-se tarde...

(O primeiro Polícia avança e põe-lhe a mão sobre o ombro.)

1º Polícia - Temos notícias para ti, amigo...

Vicente - Costumo ser eu a ter notícias para vocês...

1º Polícia - Andámos toda a tarde à tua procura.

Vicente - À minha procura?

1º Polícia - À tua procura, sim, homem de Deus. És mais importante do que pensas. Temos ordens de te levar, ainda hoje, à presença...

(Ri-se)

Adivinha de quem...

Vicente - O tenente quer falar comigo.

1º Polícia *(Rindo-se)* - Não é o tenente, homem. pessoa mais grada.

Vicente - O intendente?

2º Polícia - Upa! Upa!

Vicente - O próprio...?

1º Polícia - Tanto também não! Vais falar com um governador do Reino: O Sr. D. Miguel Pereira Forjaz. Chega-te?

Encolhe os ombros, exprimindo a impossibilidade de se compreenderem os

desígnios e as intenções dos poderosos.

Vicente - Um governador do Reino! Que me quer ele?

2º Polícia - Sei lá...

1º Polícia - Pode querer incumbir-te de uma missão especial...

2º Polícia - Ou querer fazer-te nosso chefe...

1º Polícia *(Rindo-se)* - Ou dar-te uma comenda.

*(Vicente afasta-se dos Polícias. Caminha para a esquerda do palco e detém-se.
Fala sozinho.)*

Vicente - Cheira-me a coisa graúda... Se eu souber fazer render o peixe, sou capaz de acabar com uma capela... ou chefe de Polícia, quem sabe?

Eu, chefe de Polícia! Estou a ver a cara do povo... Antes uma capela: carruagem, criado de libré... o povo a vir bater-me à porta:

(Num tom de voz humilde)

Meu senhor: não temos pão em casa... Dê-nos uma esmolinha por alma de quem lá tem... Não se esqueça de que também já teve de mendigar...

(Voltando ao tom de voz habitual)

E eu lá lhes vou dando umas moedas, por caridade...

(vira-se para os Polícias, em tom galhofeiro)

Gostavam de me ter como chefe?

1º Polícia - Não queríamos outra vida... Nunca te havias de esquecer de que tínhamos sido nós os portadores da boa nova...

(Sorriem maliciosamente, sugerindo que seriam privilegiados se o facto acontecesse.)

Vicente (*Rindo-se com desprezo*) - Ah! ah! ah!

Os degraus da vida são logo esquecidos por quem sobe a escada... Pobre de quem lembre ao poderoso a sua origem... Do alto do poder, tudo o que ficou para trás é vago e nebuloso.

No Olimpo designam-se por pastores desencaminhados os que têm a ousadia de lembrar as promessas do passado ou de evocar o início da ascensão...

(*Rindo-se*)

Ainda há pouco vocês diziam que eu atraíçoeira os meus... Nunca se fala de traição a quem sobe na vida...

Quem sobe, amigos, larga os homens e aproxima-se de Deus! Passa a ser julgado por outras leis...

Então vocês julgam que, se eu fosse chefe de Polícia, os queria debaixo das minhas ordens?

A vocês, que sabem como eu comecei?

(*Ri-se*)

Vá! Vamos embora. Não convém que o Sr. Governador tenha de esperar por quem o serve com tanta dedicação...

D. Miguel - Fidalgos?

Fingindo-se incrédulo.

Vicente - Fidalgos, Excelência! De muitos poderia eu contar coisas de espantar. É certo que só poderia falar dos que andaram lá por fora. As Françaes deram a volta a muita cabeça... Hoje são mais os estrangeirados do que os Portugueses...

(*Fala com segurança e a convicção de quem sabe que agrada ao papa e aos que se mostrem ainda mais papistas do que ele.*)

(*Cospe com repugnância.*)

D. Miguel - Que sabe você do meu primo?

Vicente (*Espantado*) - Do primo de V^a Excelência?

O espanto de Vicente pode revestir a forma dum olhar interrogador para os dois Polícias que o ladeiam.

D. Miguel - Falo do general Gomes Freire d'Andrade.

Fixa atentamente D. Miguel porque não tem a certeza de estar a agradar. A meio da frase faz uma pausa para estudar a reacção do governador, e recomeça.

Francamente adulator.

Vicente começa a compreender que se enganou ao gabar Gomes Freire, mas ainda não sabe que caminho há-de tomar.

Vicente - Sou um homem do povo, Excelência... Tenho o general Gomes Freire na conta em que o tem o povo.

D. Miguel - E em que conta o tem o povo?

Vicente - Excelência: Se pusermos de parte a pessoa d'el-rei e a vossa, a ninguém tem o povo mais amor do que ao primo de V^a Excelência. Soldado distinto, súbdito fiel... Em ninguém põe o povo mais esperança do que no general...

D. Miguel - Esperança de quê?

Vicente (*Depois de examinar o governador com atenção*) - Excelência: fala-se de... fala-se de... V^a Ex.^a não pode ignorar que se fala de revolução.

D. Miguel - E liga-se o nome de meu primo a essa revolução?

(Com esperança)

Vicente - O povo fala...

Como quem pede desculpa.

D. Miguel - O povo fala... E que interessa o que diz o povo?

Com escárnio.

Vicente - Há quem diga que a voz do povo é a voz de Deus... Mas também há quem diga o contrário!

Bem vistas as coisas, que pode a voz do povo contra a voz d'el-rei?

Uma voz (*Vinda de fora do palco e aumentando de intensidade à medida que o principal Sousa se aproxima dos presentes*) - Diz o «Eclesiastes» que, tendo Deus dividido o género humano em várias nações, a cada uma delas deu um príncipe que a governasse...

(*O principal Sousa surge no palco, imponentemente vestido*)

É de origem divina o poder dos reis e é portanto a sua - e não a do povo - a voz de Deus.

Vicente (*Com humildade*) - O povo, Reverência, não leu o «Eclesiastes» e pouco se preocupa com a origem do poder. Interessa-lhe mais o preço do pão... Talvez, se o ensinassem a ler, tomasse conhecimento do «Eclesiastes»...

Principal Sousa - E talvez não, meu filho: a sabedoria é tão perigosa como a ignorância! Ambas podem afastar o homem de Deus e dos seus caminhos.

Sei bem como a palavra «liberdade», na boca dos demagogos, se torna aliciante e admito, até, que o soberano, por vezes, tenha ido contra a lei estabelecida, mas esta interrupção duma lei particular é justificada pela lei geral, que lhe confia todo o poder necessário para a salvação do Estado...

Compreendes, meu filho?

Fala com ironia, como um homem que, tendo sido aceite num clube de acesso difícil, se adapta imediatamente à linguagem dos sócios mais antigos.

Vicente - Se compreendo, Reverência! À medida que vou envelhecendo, a minha capacidade de compreensão torna-se cada vez maior...

D. Miguel (*Para o principal Sousa*) - De toda a parte me vêm relatórios inquietantes, Reverência. O povo fala abertamente em revolução... Nas lojas de bebidas, murmura-se o nome de Gomes Freire...

Vicente - No Cais do Sodré há um café, Excelência, onde se reúnem todos os dias os defensores do sistema das cortes...

D. Miguel - A revolta de Pernambuco incendiou as almas.

Principal Sousa - Há que apagar o fogo perseguindo os insensatos, Sr. Governador. Se o poder é de origem divina, os que contra ele se batem, a si mesmos trazem a condenação, como São Paulo inculcou aos Romanos...

Estende o braço num gesto que, não sendo o da bênção, deve, todavia, sugeri-lo.

D. Miguel *(Para Vicente)* - Tenho uma missão para si. Quero que se torne conhecido para os lados do Rato e que veja quem entra em casa de meu primo. Quero que me venha aqui trazer, todas as manhãs, uma lista das pessoas com quem o general se dá. Uma lista a que não falte ninguém. Se cumprir esta missão com o zelo que lhe impõe o seu dever e a gravidade da situação, prometo-lhe que não acabará os seus dias a pedir. Interessa-lhe a chefia dum posto de Polícia?

Vicente - Só me interessa, Excelência, a oportunidade de servir el-rei e a Pátria. Nada mais me interessa. Agora – ou mais tarde, como chefe de Polícia - é o que farei...

(Vicente faz uma vénia.)

Principal Sousa - Vá, meu filho, e ajude-nos a cuidar do rebanho, indicando-nos as ovelhas tresmalhadas antes que elas contagiem as restantes. Que Deus o proteja na sua missão.

(Vicente faz outra vénia e, ladeado pelos dois Polícias, avança para o centro do palco enquanto a luz do fundo se apaga.)

Vicente *(Rindo-se)* - E falavam vocês de traição...

(Ri-se mais)

Como vêem, não se trata de traição, mas, antes pelo contrário, de zelo e dedicação pela causa da Pátria e d'el-rei...

(Rindo-se mais ainda) - Até Deus está comigo, não ouviram? Diz-me com quem andas e dir-te-ei quem és...

1º Polícia (*Irónico*) - Referes-te a Deus ou a ti?

(*Vicente ri. Saem os três pela esquerda, enquanto o principal Sousa e D. Miguel Em tom de confiança. Fala como um homem desiludido que, depois de ter dado o melhor do seu trabalho, se vê incompreendido e desacreditado. Avançam até se encontrarem ao centro e à frente do palco. Vêm falando.*)

Principal Sousa - Se a um ministro de Deus é permitido odiar, que o Senhor, um dia, perdoe o ódio que tenho aos Franceses...

Veja, Sr. D. Miguel, como eles transformaram esta terra de gente pobre mas feliz num antro de revoltados! Por essas aldeias fora é cada vez maior o número dos que só pensam em aprender a ler... Dizem-me que se fala abertamente em guilhotinas e que o povo canta pelas ruas canções subversivas.

D. Miguel - A Polícia não chega para arrancar os pasquins revolucionários das portas das igrejas... O mundo parece estar atacado de loucura, Reverência...

Principal Sousa - Maior é, por isso mesmo, a nossa responsabilidade. Esta noite sonhei que nós, os governadores do Reino, tínhamos sido destacados, pelo Senhor, para a primeira linha do combate eterno entre o bem e o mal. Temos uma missão a cumprir, uma missão sagrada e penosa: a de conservar no jardim do Senhor este pequeno canteiro português. Enquanto a Europa se desfaz, o nosso povo tem de continuar a ver, no Céu, a Cruz de Ourique.

D. Miguel - Se a Europa nos desse ouvidos...

Beresford (*Avançando do fundo do palco e falando*) - A Europa... A Europa... Deixai-a, que ela nem se perde nem carece dos vossos conselhos.

(*Cumprimenta os dois*)

Excelências: não vim aqui para perder tempo em conversas filosóficas. Venho falar-lhes de coisas mais sérias.

Aponta para o tecto.

Beresford vem fardado. A farda, ainda que regulamentar, não é espaventosa e está um pouco usada.

O principal não gosta de Beresford e fala-lhe sem sorrir.

Principal Sousa - O marechal Beresford sabe de alguma coisa mais séria do que a conservação do reino do Senhor?

Beresford (*Encolhendo os ombros*) - Poupe-me os seus sermões, Reverência. Hoje não é domingo e o meu Senhor não é vassalo de Roma.

(Beresford fala como quem fala a uma criança.)

Principal Sousa (*Para D. Miguel*) - O reino de Deus está a saque e os inimigos do Senhor já se não encontram apenas na rua... Há-os nos palácios e no próprio Conselho da Regência. Ao que o mundo chegou, para que me veja obrigado a aceitar o auxílio dum herege a fim de combater outros hereges...

Fala para D. Miguel, mas vê-se que se refere a Beresford, para quem olha ao falar no Conselho da Regência.

Beresford - Senhores: Deixemos o reino de Deus para outra ocasião. O que me traz aqui é bem mais grave.

Enquanto estamos a conversar - neste mesmo momento - conjura-se abertamente em Lisboa.

Dentro de minutos vem aqui um oficial repetir a V.as Ex.as o que me disse ontem, à noite, em minha casa.

Oiçam bem o que ele diz, porque, da decisão que tomarmos, depende a cabeça de V^a Ex.a, Sr. D. Miguel, os meus 1600000 anuais e a possibilidade de o principal Sousa continuar a interferir nos negócios deste Reino.

D. Miguel - Querem matar-me?

Não há receio nem ironia na voz de D. Miguel...

Beresford - Talvez não o queiram, mas têm de o fazer. Quando se carrega no gatilho duma espingarda, a bala tem necessariamente de sair, ainda que se tape a boca do cano com a mão, ou que ali o Sr. Governador reze três terços para a reter.

(Beresford é um homem prático, que encara objectivamente a realidade. O seu tom de voz está de acordo com a sua maneira de ser.)

D. Miguel (*Falando sozinho*) - Sempre a Revolução Francesa...

(*Para os dois*)

Temos de a impedir seja como for.

Temos de a impedir com tal brutalidade que ninguém volte a conjurar neste Reino... Se o não fizermos, se tivermos piedade, ou escrúpulos, mais tarde ou mais cedo voltaremos ao mesmo.

Beresford - Conheço o nome de alguns dos conspiradores, mas não sei quem seja o chefe...

Principal Sousa - O nome do chefe é o que menos interessa. Ninguém se lembra do nome do tocador de trombeta que fez abater os muros de Jericó. mas Jericó caiu...

D. Miguel (*Para Beresford*) - Quem é o oficial que nos anunciou?

Beresford - Um tal Andrade Corvo de Camões. Mau oficial, ignorante, e julgo, até, que pedreiro-livre.

Beresford fala com desprezo.

Principal Sousa - Mas dedicado, ao que parece.

Beresford - Dedicado à sua própria causa, como todos os da sua laia... Pretende ser promovido pela denúncia, já que o não pode ser por mérito.

(*Sorri*)

Aquilo a que se chama aqui um bom rapaz: bem vestido, amigo dos prazeres e com tão poucos conhecimentos que, se el-rei voltasse do Brasil, bem o poderia fazer moço do paço...

D. Miguel (*Para Beresford*) - Ainda há pouco saiu daqui um homem que confirmou tudo o que V^a Ex.^a diz... Um tal Vicente...

Beresford (*Rindo-se*) - Dois denunciantes: um Corvo e um Vicente. São as

armas da cidade...

A palavra «patriota» é proferida com ironia.

Corvo - Excelências: trago comigo um patriota que pode testemunhar o que ontem contei ao Sr. Marechal.

D. Miguel (*Rindo-se*) - Os «patriotas» raras vezes andam sozinhos... Defendem-se sempre, andando em grupo, tal é o conhecimento que têm de si mesmos... Diga-me, Sr. Capitão, como se chama o «patriota» seu amigo?

Corvo - Pedro Pinto de Moraes Sarmento, capitão.

Beresford - E quem lhe disse que eu necessitava de testemunhas para crer no que ontem me contou?

Corvo - Dois depoimentos valem mais do que um só.

D. Miguel (*Para os governadores*) - Os «patriotas» acabam sempre por julgar os outros pelo conceito que de si próprios têm... Quando querem crédito para o que dizem, avançam sempre de prova em punho e testemunha ao lado...

(Para o capitão)

Dois depoimentos valem então mais do que um só? Isso não será, Senhor Capitão, a apologia do sistema das cortes?

Corvo - Excelência: referia-me a depoimentos de gente comum. É evidente que um só depoimento de qualidade anula todos os restantes...

Principal Sousa - E só el-rei tem essa qualidade e só o Salvador a pode conferir...

D. Miguel - O seu nome não me é estranho. Alguém me disse que o Sr. Capitão exerceu grande actividade numa loja maçónica designada pelo nome de «Virtude»... à Rua de São Bento.

Corvo - Nunca ocultei que, na verdade, andei perdido...

D. Miguel - Tem agora ocasião para nos mostrar que já o não anda. El-rei é generoso para com os seus súbditos dedicados, mas é implacável para com quem se perde pelos caminhos...

Conte-nos o que sabe.

Corvo - Senhor: há dois dias o meu amigo Morais Sarmento entrou no botequim do Marrare e encontrou um tal Calheiros, que lhe mostrou uma proclamação contra o rei, o Sr. Marechal e os empregados públicos...

Principal Sousa - Essa proclamação referia-se à Igreja, meu filho?

Morais Sarmento - Não, Reverência, não vi qualquer...

Corvo - Mas referia-se a V^a Ex^a, como governador que é do Reino...

Beresford (*Para os governadores*) - Infelizmente não lhe foi possível obter a proclamação...

D. Miguel - Que é preciso obter a todo o custo. Que mais soube, capitão?

Corvo - Que se trama uma conspiração, Excelência.

D. Miguel - E quem a dirige?

Corvo - Não sei, Excelência.

Beresford (*Para os governadores*) - Só o poderemos saber através destes dois... «patriotas». Creio que teremos de lhes pedir que nos obtenham a proclamação...

D. Miguel (*Para os capitães*) - Não lhes quero ocultar o que sei a vosso respeito. Tanto o Sr. Capitão Corvo como o Sr. Capitão Morais Sarmento pertencem à Maçonaria e ambos estão, portanto, numa situação delicada.

(Levanta-se e passeia dum lado para o outro)

Para readquirirem a confiança da Regência, têm de a servir com o mesmo zelo com que serviram as suas lojas. Certamente lhes não será difícil fazê-lo... principalmente se souberem que os aguarda não só a confiança d'el-rei como

algo de mais substancial...

(Volta a sentar-se.)

Beresford - Tragam-nos a proclamação... obtenham-na seja como for...

Corvo - O Calheiros é de Santarém, Excelência. Conheço um amigo dele, um tal João de Sá Pereira, que bem manejado, talvez consiga...

O tom é trocista. Beresford não perde ocasião de provocar o principal.

Principal Sousa - Os pormenores, Sr. Capitão, são consigo. Não me interessa saber como são castigados os inimigos do Senhor mas, apenas, que o são.

Beresford - Não percam tempo, senhores. O momento é grave e a causa justa. Vão.

(Corvo e Morais Sarmento saem pela esquerda do palco.)

Beresford *(Para o principal Sousa)* - Não se pode dizer, Reverência, que para esta seara os braços sejam poucos...

Principal Sousa - Ainda há portugueses honrados nos tempos que correm...

Beresford *(Rindo-se)* - Atrás de nós...

Catalogando-o de humorista, finge não compreender a ironia dos seus comentários e assim se justifica junto dos outros, por não lhe responder.

Principal Sousa *(Que não compreendeu o marechal)* - Atrás de nós?

Beresford - Limitei-me a completar a sua frase, Reverência. Espero que não tenha ilusões acerca da revolta que se trama! E o tempo, Reverência, o tempo que corre atrás de nós. O velho está sempre a ceder perante o novo e o novo sempre a destruir o velho...

Principal Sousa - Trama-se contra el-rei, e V^a Ex^a brinca!

Beresford (*Rindo-se*) - Não brinco, Reverência, não brinco... Dentre nós, só V^a Reverência brinca... e com o fogo!

Principal Sousa - Fala de tal forma que ninguém o entende.

Beresford - Preferia, certamente, que me exprimisse em latim?

D. Miguel (*Com autoridade*) - Senhores! A paz deste Reino e a missão que el-rei nos confiou não permitem que percamos tempo em conversas fúteis.

Trama-se uma conjura destinada a atacar a própria estrutura da sociedade em que vivemos. Se não tomarmos as necessárias precauções, dentro em breve teremos a desordem nas ruas e a anarquia nas almas!

Beresford - E não estaremos cá para assistir ao espectáculo...

Principal Sousa - Deus Nosso Senhor não permitirá que se destrua a Sua autoridade!

Beresford (*Rindo-se*) - Como a vida num país pequeno acaba por atrofiar as almas!...

O tom do marechal é sempre jocoso.

Diga-me, Reverência, onde estava Deus Nosso Senhor, em 1793, quando os Franceses cortaram a cabeça ao representante da Sua autoridade?

Principal Sousa - Excelência! Vai longe de mais nos seus gracejos!

Beresford - Neste Conselho só eu me posso dar ao luxo de gracejar! Se a autoridade de Deus Nosso Senhor for discutida, Vossas Excelências, como representantes que são dessa autoridade, seguirão o destino que ela tiver... mas eu – um simples técnico estrangeiro – serei devolvido à procedência... voltarei à minha terra, onde os hereges, Reverência, regulamentaram a autoridade do Senhor a tempo de evitar a guilhotina.

(Levanta-se e encaminha-se para a esquerda do palco)

Como vê, Reverência, sou o único dos presentes que se pode dar ao luxo de gracejar...

Através da janela, Beresford contempla uma paisagem portuguesa e descreve as belezas naturais da sua terra. Esta situação é, em si mesma, uma crítica a Portugal, que ele, como se depreende, despreza.

Fala lentamente. Está a lembrar-se.

(Olhando para a rua, duma janela)

Está um lindo dia! Na minha terra, quando apanhamos um dia assim, saímos a cavalo. Os prados são tão verdes, Excelências, que os olhos acabam por se cansar. E as árvores... quem não viu as árvores da minha terra, nunca viu árvores...

D. Miguel - Também aqui se pode sair a cavalo...

Beresford - Sim, também aqui se pode sair a cavalo, mas os prados são secos, Excelência, e as árvores tão entisicadas que parecem ter sido todas plantadas pelo principal Sousa...

Principal Sousa *(Com fúria)* - Então porque se não vai embora? Porque não regressa aos seus prados e às suas árvores?

Beresford - Porque não tenciono regressar sem ter assegurado um futuro que me compense dos sacrifícios do presente, Excelência. Sou duma terra onde as leis são humanas, as pessoas cultas e a vida cheia de sentido... Sou duma terra onde um homem vive como um homem...

(Pausa)

E estou aqui, entre vós, discutindo filosofias mortas e preparando execuções!

(Encolhe os ombros e vira-se para os restantes governadores)

Que me dais, senhores, para me compensar de tudo o que fui forçado a abandonar para os servir? Honras? E quem mas presta? O vosso exército pindérico? Os vossos doutores em Teologia?

(Ri-se)

Títulos? Mas quem é o marquês de Campo Maior fora do botequim do Marrare?

(Ri-se)

Não, Excelência, não! Pretendo uma única coisa de vós: que me pagueis - e Encolhe os ombros num gesto de desprezo. Bem! Tão bem que, ao voltar à minha terra, possa olhar para trás sem lamentar os anos que por cá perdi.

Estou aqui pelos mesmos motivos que vos levam a viver durante anos nas florestas do Brasil e, por isso mesmo, sou o mais fiel e o mais dedicado dos vassalos deste Reino. Preciso acreditar no poder divino d'el-rei? Cá está o marechal Beresford para acreditar no poder divino d'el-rei. Preciso assistir ao Te Deum do principal Sousa? Cá está o marechal Beresford, marquês de Campo Maior, para assistir a todos os Te Deum a que seja necessário assistir, desde que lhe paguem, ao fim do ano, a quantia que um dia lhe permitirá, na sua terra, viver como gentleman!

D. Miguel - Um mercenário!

Beresford *(Rindo-se)* - Troco os meus serviços por dinheiro, Excelência. Há quem os troque por uns anos no poder, e há quem os troque por outras coisas. Haveis de compreender, senhores, que esta não é a minha pátria e que não é por patriotismo que vos estou reorganizando o exército. Mas... deixemo-nos de conversas inúteis! Não interessa, agora, saber o que leva cada um de nós a actuar desta ou daquela maneira. O que interessa é saber qual a melhor forma de sufocar a revolta que se prepara.

(Sorri)

Senhores, afirmo-vos, em nome dos meus 16.000\$00 anuais, que farei tudo o que for necessário para os continuar a receber!

D. Miguel - Conto consigo, Excelência!

Principal Sousa - Não lhe oculto que não gosto de si, Sr. Marechal, mas sei que no momento presente preciso do seu auxílio.

(Para D. Miguel)

Quem será, Sr. Governador, o chefe da conjura?

O principal Sousa, que só no segundo acto se revela inteiramente, apenas pretende salvar a sua consciência, isto é, apenas deseja ser convencido, pelos outros, da necessidade de tomar as medidas que, aliás, já está inteiramente decidido a tomar.

D. Miguel (*Rindo-se*) - Que importa? Essa pergunta, Reverência, não é digna dum estadista. Que um irresponsável queira saber quem é o chefe duma conspiração, entende-se, mas que um estadista também o queira, já não.

Perante uma conjura, o estadista esfrega as mãos, Reverência, e agradece ao Senhor a oportunidade de aniquilar alguns inimigos de Deus e do Estado.

(Levanta-se)

A pergunta é: quem deverá, ou convirá, que tenha sido o chefe da revolta?

Principal Sousa - E condena-se um inocente?

D. Miguel - Não há inocentes, Reverência. Em política, quem não é por nós, é contra nós.

(Entra Vicente pela esquerda do palco.)

Vicente - Senhores! Senhores! Ontem à noite entraram mais de dez pessoas em casa de...

D. Miguel - Cuidado!

Vicente (*Atrapalhado. Olhando à sua volta*) - Entraram mais de dez pessoas na casa que fui incumbido de vigiar...

D. Miguel - Conhece-lhes os nomes?

Vicente - Só de sete, senhor.

D. Miguel (*Para Vicente*) - Está bem. Continue.

(D. Miguel, depois de Vicente ter saído pela esquerda do palco, prossegue, para os governadores)

A ingenuidade do principal Sousa não é verdadeira. Este prelado defende-se, sempre, tentando mostrar-se alheio à política e às decisões em que intervém.

A questão que temos de resolver, Excelência, é, portanto, bem simples. Consiste apenas em chegarmos a acordo acerca da pessoa que mais nos convém que tenha sido o chefe da conjura.

Principal Sousa - Não me agrada a condenação dum inocente.

Beresford - Está nas suas mãos, Reverência, evitar que seja condenado um inocente...

Principal Sousa - Como?

Beresford (*Sorrindo*) - Nomeando quem tenha na alma a semente do jacobinismo...

Se peca quem não acata a palavra de Deus, mais peca, com certeza, quem não aceite ou discuta a Sua autoridade... V. Reverência ainda há pouco disse que a autoridade dos reis provinha de Deus...

Principal Sousa - Na verdade...

Beresford (*Rindo-se*) - Até os mercenários sabem teologia... São eles, aliás, que mais vezes carecem dela. A consciência humana, Reverência, satisfaz-se com meia dúzia de artifícios mentais.

Principal Sousa - Lá está V^a Ex^a brincando outra vez!

(*Pausa*)

Digam-me: já pensaram em alguém?

D. Miguel - O problema é delicado.

Beresford (*Levanta-se e passeia dum lado para o outro do palco*) - A minha missão consiste em reorganizar o exército e é meu inimigo, portanto, quem me dificulta esta missão.

Beresford fala só.

(A luz que incide sobre D. Miguel e o principal Sousa começa a diminuir de intensidade até desaparecer, ficando apenas Beresford iluminado)

É também, meu inimigo quem me possa substituir na organização do exército... ou lá se vão os meus 16.000\$00. Dizem que eu sou um grande sargento e um mau oficial, que sei organizar um exército, mas que não o sei comandar em campanha.

Basta que surja um oficial com um passado brilhante para me destronar...

Não devo esquecer-me de que estou rodeado de inimigos: o clero odeia-me porque não sou da sua seita; a nobreza, porque lhe não concedo privilégios; o povo, porque me identifica com a nobreza, e todos, sem excepção, porque sou estrangeiro...

O próprio D. Miguel só vê em mim uma limitação ao seu poder...

Neste país de intrigas e de traições, só se entendem uns com os outros para destruir um inimigo comum e eu posso transformar-me nesse inimigo comum, se não tiver cuidado.

Estaca. A última frase é proferida no tom de quem já pensou no assunto.

Não é prudente ainda dizê-lo aos outros, mas não há dúvida de que existe um português capaz de me destronar...

(Pausa)

(Fala agora para D. Miguel e o principal Sousa, que surgem subitamente iluminados)

Senhores, temos de encontrar alguém que tenha prestígio no exército. Julgo que nos convém um oficial de patente elevada, com um bom passado militar. Concretamente, porém, não sei de ninguém que lhes possa indicar.

(Senta-se e, pela direita do palco, entra Andrade Corvo empuado.)

Corvo - Excelências: Já partiram para a província emissários dos conjurados e sei que é elevado o número de pessoas envolvidas na conspiração.

Cá ando, sempre fiel a el-rei, na missão de que me incumbiram...

(Sai pela esquerda do palco.)

Principal Sousa - Mas, Srs. Governadores, sem provas, sem nada com que

demonstremos a culpabilidade do réu, onde encontraremos oficiais que o prendam e juízes que o condenem?

D. Miguel - Nada há de mais fácil, Reverência. Para o público não compreender o que se passa, o julgamento será secreto, e para evitar o perdão de el-rei, a execução seguir-se-á imediatamente à sentença.

Principal Sousa - E quanto a juízes?

D. Miguel - Reverência: as provas judiciais pertencem ao domínio da razão e, se não pudermos condenar nesse domínio, faremos com que o julgamento decorra no outro, o da emoção, já que a emoção, Reverência, nem carece de provas, nem se apoia na razão.

Principal Sousa - E a quem recorreremos?

D. Miguel - A «patriotas», Reverência. Há-os sempre prontos a condenar o que não entendem e a classificar de racionais os seus estados emotivos. Os estadistas recorrem a tal gente sempre que a mais nada podem recorrer...

Principal Sousa - Mas... prestar-se-ão a isso?

D. Miguel - A tudo, Reverência, a tudo! Aliás, os seus serviços não serão gratuitos... Para o juiz da Inconfidência irão os bens do condenado... Para os restantes, Reverência, comendas e promoções... El-rei é generoso!

Zombeteiro.

Beresford - Verá, Reverência, que também não faltarão braços para esta seara basta prometer melhoria de rancho a todos os que colaborarem...

Principal Sousa - Não seria preferível meter todos os conspiradores numa fragata, e mandá-los...

(Entra pela direita do palco Morais Sarmento, que interrompe o Principal.)

Morais Sarmento - Excelências: a conspiração destina-se a implantar neste Reino o sistema das cortes!

D. Miguel (*Depois dum momento de espanto*) - Aqui tem, Reverência, a resposta à sua pergunta. Não! Não e não! Meter essa gente numa fragata seria dar a tudo um ar de violência e de injustiça que só serviria os projectos dos seus aderentes. preciso acabar de vez com esta gangrena. Já pensou em alguém, Reverência, que a Deus e ao Estado convenha liquidar?

Principal Sousa - São muitos os inimigos do Senhor, nos dias que vão correndo. Fala-se de Deus com ironia e da sua Igreja como se de letra morta se tratasse...

Os piores, Srs. Governadores, são os pedreiros-livres... Ninguém mais do que eles contribui para o alastramento da gangrena. Quem será o chefe da Maçonaria?

(*Entra Vicente pela esquerda do palco.*)

Vicente - Grande número de conspiradores são oficiais, mas há muitos civis que aguardam a revolta com entusiasmo...

(*Entra Corvo pela direita do palco.*)

Corvo - No estado em que se encontra o Reino, basta um grito na rua para que as labaredas alastrem de norte a sul...

Vicente - E para que o sangue corra nas ruas.
De cada árvore farão uma forca, de cada cave uma prisão...

Principal Sousa - Tenho medo...

(*Para D. Miguel*)

Senhor Governador, tenho medo. Há dois dias que quase não durmo e mesmo, quando passo pelo sono, perseguem-me imagens terríveis: imagino-me réu perante um tribunal que me não respeita.

Dedos imundos tocam-me as vestes. Sonhei já três vezes que estava no Campo de Sant'Ana, subindo ao cadafalso, enquanto à minha volta os gritos do povo me não deixavam, sequer, ouvir a sentença...

Beresford (*Para Vicente e para Corvo*) - Os chefes?! Quem são os chefes?

Corvo - Fala-se deste e daquele, mas ninguém sabe ao certo.

Beresford - Quero saber quem são os chefes. Compre quem for preciso, vendam a alma ao diabo, mas tragam-nos os nomes dos chefes...

(Corvo e Vicente saem.)

D. Miguel - Eu também tenho medo, senhores, mas o meu medo não é semelhante ao vosso. Pouco me importa a fortuna ou a vida, ambas daria de boa vontade, se me fosse necessário fazê-lo, pela minha terra. A Pátria, Excelências, não é, para mim, uma palavra vã... Se algum sonho tenho, se a um estadista é permitido sonhar, o meu sonho é de não morrer sem exterminar de vez as sementes da anarquia e do jacobinismo... Sonho com um Portugal próspero e feliz, com um povo simples, bom e confiante, que viva lavrando e defendendo a terra, com os olhos postos no Senhor.

Sonho com uma nobreza orgulhosa, que, das suas casas, dirija esta terra privilegiada. Vejo um clero, uma nobreza e um povo conscientes da sua missão, integrados na estrutura tradicional do Reino... Não lhes nego, Excelências, que não sou um homem do meu tempo.

Um mundo em que não se distinga, a olho nu, um prelado dum nobre, ou um nobre dum popular, não é mundo em que eu deseje viver.

Não concebo a vida, Excelências, desde que o taberneiro da esquina possa discutir a opinião d'el-rei, nem me seria possível viver desde que a minha opinião valesse tanto como a de qualquer arruaceiro.

Pergunto-vos, senhores: que crédito, que honras, que posições seriam as nossas, se ao povo fosse dado escolher os seus chefes?

Beresford - Já que temos ocasião de crucificar alguém, que escolhamos a quem valha a pena crucificar... Pensou em alguém, Excelência?

D. Miguel *(Passeando agitadamente à frente do palco)* - Sou um homem de gabinete. Não tenho as qualidades necessárias para falar ao povo...

(Começa a apagar-se a luz que incide sobre Beresford e o Principal Sousa)

Repugna-me a acção, estaria politicamente liquidado se tivesse de discutir as minhas ordens...

Não sou, e nunca serei, popular. Quem o for, é meu inimigo pessoal.

(Pausa)

No estado em que se encontra o Reino, basta o aparecimento de alguém capaz de falar ao povo para inutilizar o trabalho de toda a minha vida... E há quem seja capaz de o fazer...

(Entram Corvo e Vicente, respectivamente pela esquerda e pela direita do palco.)

Vicente - Excelências, todos falam num só homem...

Corvo - Um só nome anda na boca de toda a gente.

(Surge Morais Sarmiento, que avança do fundo do palco.)

Morais Sarmiento - Senhores Governadores: onde quer que se conspire, só um nome vem à baila.

Abre os braços no gesto dramático de quem faz uma revelação importante e inesperada.

Corvo - O nome do general Gomes Freire d'Andrade!

(Acende-se a luz que ilumina Beresford e o Principal Sousa.)

Começam a ouvir-se tambores ao longe, muito em surdina.

D. Miguel - Senhores governadores: aí tendes o chefe da revolta.

Notai que lhe não falta nada: é lúcido, é inteligente, é idolatrado pelo povo, é um soldado brilhante, é grão-mestre da Maçonaria e é, senhores, um estrangeirado...

Beresford - Trata-se dum inimigo natural desta Regência.

Principal Sousa - Foi Deus que nos indicou o seu nome.

D. Miguel *(Sorrindo)* - Deus e eu, senhores! Deus e eu...

Corvo - Mas, senhores, nada prova que o general seja o chefe da conjura. Tudo o que se diz pode não passar de um boato...

D. Miguel - Cale-se! Onde está a sua dedicação a el-rei, capitão?

Principal Sousa - Agora me lembro de que há anos, em Campo d'Ourique, Gomes Freire prejudicou muito a meu irmão Rodrigo!

D. Miguel anda, no palco, dum lado para o outro, com passos decididos.

D. Miguel - Se eu fosse a falar do ódio que lhe tenho...

Beresford - O marquês de Campo Maior também tem razões para odiar a Gomes Freire...

D. Miguel - E, agora, meus senhores, ao trabalho! Para que o país não se levante em defesa dos conjurados há que prepará-lo previamente. Há gente, senhores, que sente grande ardor patriótico sempre que os seus interesses estão em perigo. Há que provocar esse ardor. Há que pôr os frades, por esse país fora, a bramar dos púlpitos contra os inimigos de Deus. Há que procurar em cada regimento um oficial que se preste a dizer aos soldados que a Pátria se encontra ameaçada pelos inimigos de dentro. Há que fazer tocar os tambores pelas ruas para se criar um ambiente de receio.

Os estados emotivos, Srs. Governadores, dependem da música que se tem no ouvido. Para que se mantenham, é necessário que as bandas não parem de tocar.

Quero os sinos das aldeias a tocar a rebate, os tambores, em fanfarra, nas paradas dos quartéis, os frades aos gritos nos púlpitos, uma bandeira na mão de cada aldeão!

(Começa a entrar povo pela direita e pela esquerda do palco. Os tambores tocam, sem cessar)

Quero o país inteiro a cantar em coro. Lembrai-vos, senhores, de que uma pausa pode causar a ruína de todos os nossos projectos!

(Entra pela direita do palco um púlpito a que o Principal Sousa sobe. Começa a ouvir-se um sino tocar a rebate.)

Principal Sousa *(Do púlpito)* - Meus filhos, meus filhos, a Pátria está em perigo! Os inimigos de Deus preparam na sombra, a ruína dos vossos lares, a violação das vossas filhas, a morte d'el-rei!

Os tambores entram em fanfarra e o palco enche-se de soldados.

D. Miguel - Portugueses: a hora não é para contemplações! Sacrifiquemos tudo, mesmo as nossas consciências, no altar da Pátria.

Principal Sousa - Morte aos inimigos de Cristo!

D. Miguel - Morte ao traidor Gomes Freire d'Andrade!

(Apagam-se todas as luzes. As personagens ficam na penumbra agitando os braços e erguendo bandeiras no ar. Durante um espaço de tempo muito curto, ouvem-se os sinos e os tambores.)

CAI O PANO.

ACTO II

Ao abrir o pano a cena está às escuras. Uma única personagem, intensamente iluminada, encontra-se à frente e ao centro do palco. o popular que deu início ao primeiro acto.

O segundo acto começa precisamente como o primeiro. Os actores devem ocupar no início deste acto as mesmas posições que ocupavam no primeiro, a fim de os espectadores compreenderem não se tratar esta semelhança dum acidente ocasional.

Manuel - Que posso eu fazer? Sim, que posso eu fazer?

(Dá dois passos em direcção ao fundo do palco. Detém-se)

Sempre que há uma esperança os tambores abafam-lhe a voz...
Sempre que alguém grita os sinos tocam a rebate...

(Pausa)

E cai-nos tudo em cima: o rei, a Polícia, a fome...

(Levanta os braços ao alto)

Até Deus!

(Deixa cair os braços num gesto de desânimo)

E ficamos pior do que estávamos... Se tínhamos fome e esperança, ficamos só com fome... Se, durante uns tempos, acreditámos em nós próprios, voltamos a não acreditar em nada...

(Num tom de voz humilde e trémulo)

Uma esmola por alma de quem lá tem, meu senhor... Também sou homem, também tenho fome, filhos que queria ver homens, olhos para ver o luar, voz para dizer o que sinto, costas que morro a vergar... Uma esmola por alma de quem lá tem, senhor...

(Estende a mão. Num gesto brusco toma a posição do indivíduo a quem estava a falar. Assume uma atitude nobre. Torna-se duro e ríspido)

Tome lá cinco réis, homenzinho, e cale-se. Não me toque! Estenda a mão... vá! E deixe-se de lamúrias! Não preciso que me ensine os meus deveres de cristão; eu amo o próximo como a mim mesmo.

(Faz o gesto de quem deixa cair uma moeda na mão dum pobre)

Afaste-se! Deixe-me passar.

(Dum salto volta à sua posição inicial, estende a mão e adopta, novamente, o tom de voz anterior)

Muito obrigado, meu senhor!

(Faz uma vénia)

Muito obrigado, meu senhor, pelo favor de me amardes como a vós mesmo.

(Finge examinar a moeda imaginária que acaba de receber)

No Dia de Juízo, Deus Nosso Senhor levar-vos-á em conta estes cinco réis...

(Faz uma nova vénia e fica todo inclinado para a frente, seguindo com os olhos a personagem imaginária que se afasta. Por fim, endireita-se e fica parado, no palco, em atitude de meditação)

Esta madrugada prendem Gomes Freire... Levaram-no, escoltado, para São Julião da Barra. Já de lá não sai vivo!

(Para o palco)

Que mais sabem vocês da prisão do general?

Ilumina-se o fundo do palco, que se encontra repleto de gente do povo disposta exactamente como para a cena de abertura do 1º acto.

1º Popular - Do general?

(Ri-se)

Homem, vossemecê anda arrasado!

2º Popular - Passaram toda a noite a prender gente por essa cidade...

3º Popular *(Falando da outra extremidade do palco)* - Os quartéis ainda estão de prevenção, e lá para os lados do Rato são mais os soldados do que as pedras...

O Antigo Soldado *(Visivelmente acabrunhado)* - Prenderam o general...Para nós, a noite ainda ficou mais escura...

1º Popular - É por pouco tempo, amigo. Espera pelo clarão das fogueiras...

O tom é profético e a voz triste.

O Antigo Soldado - E agora?

A pergunta deve ficar como que suspensa no espaço durante uns segundos de forma a que a entrada dos Polícia pareça responder-lhe.

(Ninguém responde. Pela direita do palco entram dois Polícias)

1º Polícia *(Como que espantado por ver tanta gente reunida)* - Olhem para isto! Perderam a alma. Dir-se-ia que a prisão de Gomes Freire lhes tirou a vontade de viver.

Já a caminho de sair do palco.

2º Polícia - Daqui para fora! Vá: todos daqui para fora! Então vocês não

sabem que estão proibidos os ajuntamentos?

(O povo levanta-se e começa a abandonar o palco sem pressa.)

Manuel - Ajuntamentos só nas cadeias, não é?

1º Polícia - Toca a andar, e nada de perguntas!

1º Popular - Posso dormir com a minha mulher ou também formamos um ajuntamento?

2º Polícia *(Para o colega)* - Não lhe respostas!

(Para o povo)

Andar e depressa, ou vão ver o que lhes acontece!

(Saem todos, uns pela direita e outros pela esquerda.

A iluminação do fundo desaparece gradualmente. Manuel e Rita ficam para trás e conversam à frente e ao centro do palco.)

Manuel - E eu na descarga das barcaças, todo o dia sem saber de nada!

Rita *(Relata o facto) com certa emoção* - Eu vi o general sair de casa.

Arrombaram-lhe as portas e nem lhe deram tempo a vestir-se. Só conseguiu calçar as botas à saída.

(Pausa)

Há desespero e revolta no tom de voz de Rita.

A mulher ficou a chorar até de manhã. Passei-lhe à porta e ouvi-a soluçar.

Deu-me vontade de fugir, de largar a correr por essas ruas fora e de me deitar ao Tejo!

(Dum salto agarra-se ao pescoço do marido)

O gesto é espontâneo e ditado por um impulso súbito que Manuel mostra compreender passando a mão pelos cabelos da mulher.

Nunca te metas nestas coisas, Manuel! Haja o que houver nunca te metas com eles. Prefiro ver-te com fome, a perder-te.

(Pausa)

Como ela chorava, santo Deus! Parecia um animal ferido a ganir à beira duma estrada...

(Entra o 1º Polícia.)

1º Polícia - Então? Não ouviram as minhas ordens?

(O Polícia sai. Rita e Manuel seguem-no.)

Rita - Parece que ainda a estou a ouvir...

(Rita sai. Surge, a meio do palco, intensamente iluminada e sentada numa cadeira tosca, Matilde de Melo - uma mulher de meia-idade, vestida de negro e desgrenhada.)

Matilde - Ensina-se-lhes que sejam valentes, para um dia virem a ser julgados por covardes! Ensina-se-lhes que sejam justos, para viverem num mundo em que reina a injustiça!

Ensina-se-lhes que sejam leais, para que a lealdade, um dia, os leve à força!

(Levanta-se)

Não seria mais humano, mais honesto, ensiná-los, de pequeninos, a viverem em paz com a hipocrisia do mundo?

(Pausa)

Quem é mais feliz: o que luta por uma vida digna e acaba na força, ou o que vive em paz com a sua inconsciência e acaba respeitado por todos?

*(Encaminha-se para uma cómoda velha que surge, iluminada, à sua esquerda)
Fala com rancor.*

Se o meu filho fosse vivo, havia de fazer dele um homem de bem, desses que vão ao teatro e a tudo assistem, com sorrisos alarves, fingindo nada terem a

ver com o que se passa em cena!

(Pausa)

Fala com determinação.

Havia de lhe ensinar...

Está a mentir, a cuidar mais da bolsa do que da alma.

A tentar convencer-se do facto que da consciência e a si mesma.

(Abre uma gaveta da cómoda e tira dela um uniforme velho de Gomes Freire)

Se o meu filho fosse vivo... Havia de morrer de velhice e de gordura, com a consciência tranquila e o peito a abarrotar de medalhas!

(Coloca o uniforme de Gomes Freire sobre a cadeira)

Tudo isso o meu homem poderia ter tido...

(Acaricia o uniforme)

Se tivesse sido menos homem...

(Pausa)

Podíamos estar, agora, aqui, ouvindo os pregões que soam a cantigas, lá fora, na rua...

(Pausa)

Abríamos a janela ao sol da manhã e aquecíamos-nos os dois...

(Pausa)

Ele dava-me a mão, eu dava-lhe a minha, e ficávamos, para aqui, a conversar...

Falávamos das batalhas em que ele andou...

Relembrávamos o nosso hotel de Paris... os passeios que dávamos ao longo do Sena... os dias felizes que vivemos juntos... o tempo em que sonhávamos voltar a esta malfadada terra...

(Passa a mão pelo uniforme com ternura)

Podíamos viver aqui esquecidos dessa gente que odeia.

(Encaminha-se para a esquerda do palco)

Era tão fácil... Tão mais fácil que tudo isto...

(Faz o gesto de fechar uma janela)

Fechávamos as janelas. Trancávamos a porta. Era como se estivéssemos outra vez lá fora, longe das intrigas mesquinhas em que esta gente se perde e perde a vida...

(Pausa)

Mas não pôde ser e, agora, estou sozinha. Sozinha e rodeada de inimigos numa terra hostil a tudo o que é grande, numa terra onde se cortam as árvores para que não façam sombra aos arbustos...

(Começa a chorar)

Tenho o corpo no Rato e a alma em São Julião da Barra, mas enquanto houver vida nestas pernas cansadas... e força nestas mãos que Deus me deu...

(Endireita-se. Parece crescer no palco)

Enquanto tiver voz para gritar... Baterei a todas as portas, clamarei por toda a parte, mendigarei, se for preciso, a vida daquele a quem devo a minha!

(Cai de joelhos, com os braços em torno da cadeira e, soluçando, enterra a cabeça no uniforme de Gomes Freire. Pela esquerda do palco surge António de Sousa Falcão.)

O desânimo de António é evidente. Pode exteriorizar-se pelos ombros descaídos e pelos braços pendentes.

Sousa Falcão - A sua vida inteira foi uma conspiração permanente contra o que esta gente representa!

Matilde - Deus não permitirá que lhe façam mal!

Sousa Falcão - Deus!? Esta gente concebeu um Deus à sua imagem e semelhança!...

O Deus deste Reino é um fidalgo respeitável que trata como amigo a Pôncio Pilatos.

(Caminha em direcção a Matilde)

Vive num solar brasonado e dá esmolas, ao domingo, por amor de Deus.

(Estaca junto de Matilde)

Anda tão habituado a pisar tapetes, que lhe inchariam os pés se tivesse de voltar às estradas da Galileia! O Deus deste Reino...

Matilde, não quer ouvir falar de Deus, e quando alguém lhe pergunta como se perdeu pelo caminho, entra em explicações tão profundas e tão complicadas, que só ele as entende...

Matilde *(Levantando-se)* - Então, António, terei de recorrer aos homens.

Sousa Falcão - Neste Reino, os homens fizeram Deus à sua imagem e semelhança e, depois, fizeram-se à imagem e semelhança desse Deus.

Matilde - Hão-de ouvir-me!

Sousa Falcão - Eles só têm ouvidos para a sua própria voz!

(Matilde dirige-se à cómoda e, enquanto fala, tira duma gaveta um xaile que põe à volta dos ombros.)

Matilde - Serei, então, a voz da sua consciência. Ninguém consegue viver sem ouvir a voz da consciência, António.

Sousa Falcão - E eu vou saber dele. Ainda que sem esperança, vou fingir que a tenho. Isso devo-lhe a ele e devo-me a mim. Vamos.

Matilde *(Apoiando-se no braço de Sousa Falcão)* - Que estará ele fazendo a

esta hora, fechado numa cela em São Julião da Barra? Adivinho-lhe os gestos e os pensamentos.

Está preocupado por minha causa.

Sabe que nunca o deixei sozinho e a maior das suas dores é o conhecimento que tem da minha dor.

Sousa Falcão *(Com ternura)* - Todos somos chamados, pelo menos uma vez, a desempenhar um papel que nos supera. É nesse momento que justificamos o resto da vida, perdida no desempenho de pequenos papéis indignos do que somos. Chegou a nossa hora, Matilde.

Vamos.

(Avançam para a frente do palco enquanto desaparece gradualmente a luz que iluminava a cómoda e a cadeira. A meio caminho, António de Sousa Falcão afasta-se e sai pela esquerda. Matilde fica isolada ao centro, e à frente do palco.)

Não há nada de heróico neste monólogo de Matilde.

Todo ele é triste, dolorosamente triste.

Matilde - Na esteira do meu homem percorri, sozinha, metade das estradas da Europa, e nunca me senti tão só como hoje...

Quero defender tudo o que tenho e não sei por onde hei-de começar...

O destino de todas as mulheres. Temos um filho, queremos superar-nos através dele, fazer que ele seja alguém e não sabemos por onde começar...

(Pausa)

Chega-nos o homem a casa, farto das batalhas do dia-a-dia, cansado de morrer aos poucos

Fala com simplicidade.

- queremos vê-lo renascer, chegar a nossa ternura ao fundo do seu coração, e não sabemos por onde começar...

(Pausa)

Despertamos a meio da noite, damos com o nosso homem, acordado, com os olhos postos sabe-se lá em quê, queremos dar-lhe a mão, ver o que ele vê, e

não sabemos por onde começar...

(Pausa)

Um dia, encontramos o nosso homem a sonhar um outro mundo - sabemos que esse sonho põe termo à paz que tanto desejamos, e, mesmo assim, queremos dizer-lhe que siga o seu caminho, que iremos com ele até ao fim, mas não sabemos por onde começar... Mas é preciso começar! estivesse eu em São Julião da Barra, e já ele teria dado a vida por mim.

(Pausa)

Vou enfrentá-los. É o que faria se aqui estivesse e quem sabe? - talvez Deus oiça. Ele há-de ouvir alguém.

(Sente-se que toma uma decisão. Lentamente, num gesto ponderado, vira-se para o palco)

William Beresford!

O nome é proferido em tom de quem chama pelo marechal.

(Beresford surge, de braços cruzados, ao fundo e à direita do palco)

Apresenta-se com simplicidade, mas com orgulho. Sabe que Beresford odeia Gomes Freire e, embora isso a não impeça de o procurar, não deseja que Gomes Freire saia humilhado desta conversa.

Sou Matilde de Melo, natural de Seia, uma terra tão pobre e tão pequena que o senhor, decerto, nunca ouviu falar dela. Fui criada entre árvores e penhascos, naquela pobreza que os ricos designam por santa e que os pobres amaldiçoam. Ensinaram-me, de pequena, a amar a Deus sobre todas as coisas.

(Pausa)

Foi-me fácil fazê-lo, não por ter aprendido a grandeza de Deus, mas por me ter apercebido da pequenez das coisas.

(Pausa)

Fui crescendo. Tornei-me mulher, casei e quase morri.

Com esta pausa, Matilde separa nitidamente os dois períodos da sua vida.

Fala rapidamente, com entusiasmo.

aperreada entre paredes sem janelas donde se visse o mundo.

(Pausa)

Cheguei a crer que o mundo era a minha aldeia, que Deus era irmão d'el-rei e que as más colheitas eram consequência dos pecados humanos...

(Pausa)

Um dia entrou um homem na minha vida. Entrou de tal forma, senhor, que tomou posse dela. À minha volta começaram a ruir paredes. As coisas, tal como ele as via e mas mostrava, começaram, de repente, a perder a sua pequenez e cheguei a Deus, senhor, cheguei a Deus, por compreender a grandeza da sua obra!

(Pausa)

Dei-lhe tudo o que tinha: o corpo, que apesar de esposado estava mais seco do que um poço no fim do Verão, a alma, que, de tão aperreada, nunca chegara a desabrochar. Vivi com ele os anos mais felizes da minha vida. Olhando para trás, parece-me que nunca conheci outro viver.

Se alguém teve tudo, esse alguém fui eu.

(Pausa)

Sou a mulher do general Gomes Freire d'Andrade.

Beresford nem toma o país nem as suas instituições a sério e o seu tom é permanentemente zombeteiro.

Beresford - E que pretende de mim?

Matilde - O que a sua mulher pretenderia, se o amasse, e se o senhor fosse preso na sua terra por um português promovido a comandante supremo do exército britânico.

Beresford (*Francamente irónico*) - Parece-lhe verosímil tal hipótese?

Matilde - Mentiria se lhe respondesse afirmativamente. Os homens, porém, não se podem medir pela força dos exércitos que servem, mas pelos motivos que os levam a servi-los. O meu homem nunca quis saber quantos soldados tinha atrás de si, e, se alguma vez olhou para trás, foi apenas para me ver.

Estas afirmações são proferidas em tom de desafio. até porque não correspondem à verdade. Matilde, ao fazê-las, está a desafiar a sua própria consciência.

Beresford (*Trocista*)

O facto de ser procurado por Matilde diverte o Marechal

Vem, então, pedir-me clemência?

Matilde - Venho pedir-lhe que o liberte. É-me indiferente que o faça por favor, por clemência ou por qualquer outro motivo.

Às mulheres, senhor, pouco interessa a justiça das causas que levam os seus homens a afastar-se delas. A injustiça e a tirania, só as sente quem anda na rua, quem é homem ou quer ser homem.

(Pausa)

Que me importa, a mim, que o rei seja tirano e o país miserável e mal governado?

Que me importa que as cadeias estejam cheias, o exército por pagar e o povo a morrer de fome?

(Pausa)

O inimigo de Beresford é sempre, e só, Gomes Freire. Se o conseguir humilhar através da mulher, tanto melhor.

Matilde - Quero o meu homem! Quero o meu homem aqui, ao meu lado!

Quero acabar os meus dias em paz!

(Pausa)

As mulheres, Sr. Marechal, estão sempre dispostas a colaborar com a tirania para conservarem os maridos em casa.

(Pausa)

Se não fosse o que lhe digo, já não haveria reis por essa Europa fora...

Beresford *(Rindo-se)* - O que diria o general Gomes Freire se a ouvisse falar?

Matilde *(Envergonhada)* - Prefiro não saber.

Beresford - Vende-lhe, assim, a honra para o salvar?

Matilde - É a minha que vendo e não a dele.

Beresford - E porque pensa que devo fazer o que pede?

Matilde - Porque é o comandante do exército, governador do Reino e... porque sabe que ele não cometeu qualquer crime.

Beresford - A simples existência de certos homens é já um crime.

(Começam a ouvir-se sinos ao longe.)

Matilde *(Exaltada)* - Porque dizem a verdade? Porque vêm para além da cortina de hipocrisia com que os poderosos escondem a defesa dos seus interesses?

(O ruído dos sinos aumenta de intensidade.)

Beresford *(Sorrindo)* - Porque... são incómodos, minha senhora!

Matilde *(Com amargura)* - É incómodo todo aquele que não confunde a vontade de Deus com a vontade do rei...

(Pausa)

Ou que vê para além das medalhas que usais no peito...

(Pausa)

Ou que olha para vós de frente, e sorri...

Beresford *(Com ironia)* - Ou que, devendo, por nascimento e posição, defender certos interesses, defende outros... o caso do general, minha senhora.

(Ouve-se, fora do palco, o murmúrio de vozes humanas.)

Matilde - Que vão fazer dele, Sr. Marechal?

Beresford *(Abrindo os braços para exprimir a sua impossibilidade de responder à pergunta)* - Julgá-lo e... fazer justiça!

Matilde *(Com desespero e como quem pensa pela primeira vez na hipótese)* - Querem matá-lo! diga-me, Sr. Marechal, por amor de Deus diga-me: querem matá-lo?

(As vozes aproximam-se do palco. Ouve-se, nitidamente, falar latim.)

Beresford - Ninguém lhe pode responder a essa pergunta. São os acontecimentos que geram os acontecimentos e...

(Entra no palco um padre seguido dum sacristão tocando uma campainha e de alguns populares.)

(Começa a juntar-se gente à sua volta.)

Matilde *(Exaltadíssima)* - Não o matem, Sr. Marechal! Mandem-no para a guerra, deixem-no morrer como um homem, batendo-se com os inimigos que possa reconhecer!

(Levanta os braços ao céu)

Senhor, se te lembras da cruz, permite que o meu homem morra de cabeça

levantada! Não vos peço nada para mim. Mais: troco a minha vida pela dele!

Fazei-me sofrer, matai-me torcida de dores e abandonada de todos, mas, a ele, dai-lhe uma morte que o não mate de vergonha!

Padre (*Lendo um papel*) - Ordem dos principais da Patriarcal de Lisboa para acções de graças pela descoberta da conjuração Nas Primari Presbiteri, Et Diaconi Sanctae Lisbonensis Ecclesiae Principales Sede Patriarchali Vacante.

Tendo chegado ao nosso conhecimento, com indubitável certeza, que houve insensatos tão temerários e atrevidos que ousaram formar o louco e detestável projecto de estabelecer um governo revolucionário conhecendo que todo o bem nos vem de Deus, sejam quais forem os meios de que para isso se sirva, claro fica que a Ele devemos dirigir as nossas acções de graças. E por isso havemos por bem ordenar:

(Entram mais populares que se colocam entre Matilde de Melo e Beresford, escondendo este último)

Que no dia domingo, em todas as paróquias deste Patriarcado e igrejas dos Conventos Regulares, se cante ou reze donde se não pode cantar, depois da hora de Noa, a missa votiva de Nossa Senhora, Pro Gratorum Actione, ajuntando-lhe, no fim, o hino Te Deum Laudamus com o Santíssimo Sacramento exposto; dizendo-se, igualmente, neste dia, em todas as missas, a oração pro Gratorum Actione.

Matilde - Mas eles ainda não foram julgados! Que espécie de Deus é o vosso que condena antes de ouvir? Que gente sois, senhores, que Reino é este em que tive a triste sorte de nascer? Sr. Marechal: quanto vale, para vós, a vida dum homem?

(O padre, sempre seguido do sacristão tocando uma campainha, afasta-se e sai pela esquerda, enquanto os populares se sentam em círculo no chão e começam a comer.

Beresford responde, já de fora do palco.)

Beresford - De que homem, minha senhora?

Matilde - De qualquer homem.

Beresford - Depende do seu peso, da sua influência, das vantagens ou dos inconvenientes que, para mim, resultem da sua morte.

Neste diálogo, os populares parecem exprimir uma indiferença total perante os acontecimentos. Embora mais tarde esta impressão seja corrigida, aqui deve ser realçada pela lentidão com que as frases são proferidas e pelos intervalos que as separam. Sente-se, mesmo, que as frases são deliberadamente proferidas para que Matilde as ouça.

Matilde - E nada mais?

Beresford - Não há mais nada a considerar, minha senhora.

(Matilde cobre a cara com as mãos.)

1º popular - Em dias de missa solene, as igrejas enchem-se de uma gente rica.

2º Popular *(Relembrando-se)* - Na Páscoa, à porta da Sé, fiz o bastante para comer durante três dias.

(Matilde descobre o rosto, e observa os populares e, num gesto resoluto, aproxima-se deles)

Matilde - Alguém aqui me conhece?

Matilde tenta levar o povo a reagir.

(Aponta para um)

Você, aí, sabe quem eu sou. Tenho-lhe dado esmola vezes sem conta.

(O popular a que Matilde se refere levanta-se)

Nunca me bateu à porta que não levasse do que eu tinha em casa.

(Aponta-lhe para as pernas)

Essas calças que traz vestidas, reconheço-as, fui eu que lhas dei. Eram do general Gomes Freire d'Andrade.

(De pé, em silêncio e com as mãos estendidas, o popular observa as suas calças)

Usava-as por casa, em Paris. Ainda há pouco tempo me perguntou por elas...

(Durante uns instantes ninguém fala)

Sabem o que lhe aconteceu? Sabem que está em São Julião da Barra, metido numa cela... Não sabem? Pois deviam sabê-lo!

Os populares recomeçam a conversar como se não tivessem ouvido Matilde. A trivialidade do diálogo é nitidamente constatada até pela lentidão com que são proferidas as palavras.

Eram vocês que o aplaudiam, na rua, quando ele passava... Eram vocês que lhe perguntavam... “Então, meu general, quando é que isto vira?”

Agora pergunto-lhes eu: “quando é que isto vira?” Por quantotempo é que o vão deixar metido numa masmorra, perdendo aos poucos a fé que tinha na gente desta terra?

(Ninguém responde durante uns segundos.)

1º Popular - João: passa aí essa faca.

2º Popular *(Passando-lhe uma faca com que o outro corta uma fatia de pão)* - Está cheia de ferrugem. Não a limpo há mais dum mês.

1º Popular - Para o pão, serve.

O Antigo Soldado *(Espreguiçando-se)* - São horas de me ir indo. Por onde andam as patrulhas? Alguém sabe?

2º Popular - Para os lados do Rato.
Vai pelas quintas, que ninguém dá contigo.

O desespero de Matilde perante a atitude dos populares é evidente.

Matilde - Ninguém me ouve? Estarão cegos e surdos para não compreenderem o que se passa à vossa volta?

1º Popular *(Dando uma notícia importante de que se esquecera)*

Mais uma vez se revela a intenção de ignorar a presença de Matilde

Só agora me lembro duma notícia que os vai espantar. E em que não vão acreditar!

(Ri-se)

O Vicente, lembram-se do Vicente? Foi feito chefe de Polícia. Vi-o, hoje, fardado, seguido por dois esbirros! É verdade! Juro-lhes que é verdade! Olhou para mim como se nunca me tivesse visto. Estendi-lhe a mão e deu-me uma cacetada na cabeça!

2º Popular - Era mesmo ele?

1º Popular - Era ele, digo-lhes eu. Nunca me esqueço duma cara.

(Matilde, profundamente desanimada, começa a afastar-se do grupo e aproxima-se da esquerda do palco.)

Manuel, agora, mostra que tinha consciência da presença de Matilde e que o seu silêncio foi premeditado, como premeditada foi a sua quebra neste momento.

Manuel - Não é de espantar. Deus escreve torto por linhas direitas. Não é assim que se devia dizer?

(Matilde, chorando, vai a sair pela esquerda do palco quando Manuel a chama, sem voltar a cabeça e sem fazer um gesto)

Senhora!

(Matilde estaca e volta-se para o grupo sem saber, ao certo, se a chamaram)

É consigo, senhora.

(Sempre sem voltar a cabeça e limpando a faca enquanto fala)
É, portanto, essencial que não esboce, sequer, o gesto de se virar para ela.

- Não se vá, assim, embora, sem levar resposta.

(Matilde volta a aproximar-se do grupo, que finge não dar por ela. Os seus passos são curtos e tímidos.

Não sabe porque a chamaram. Manuel prossegue, agora para Rita)

Arranja aí um caixote para ela, Rita.

(Rita levanta-se dum salto, vai buscar um caixote que coloca junto de Matilde e ajuda-a a sentar-se, falando ao mesmo tempo.)

Rita - Desde aquela noite que só penso em si. Estava lá na rua quando prenderam o general. Vi-o sair de casa...

Depois passei lá à porta e ouvi-a chorar... Até contei ao meu homem...

Antes de se sentar, Rita hesita e olha para Manuel como que a pedir-lhe desculpa de ter falado a Matilde.

(Matilde, sentada, esconde o rosto nas mãos. Rita volta a sentar-se.)

Manuel *(Levanta-se e fala com ternura)* - Todos, aqui, sabemos quem a senhora é, e nenhum de nós é cego ou surdo...

(Observa-a com atenção)

Há quanto tempo não come, minha senhora?

(Matilde encolhe os ombros. Manuel mete a mão num saco, procura qualquer coisa que não encontra e olha para os outros. Um deles levanta-se e, com uma maçã na mão, aproxima-se de Matilde)

Coma essa maçã, Sr.a Dona Matilde. Verá que lhe faz bem.

(Matilde recusa a maçã)

Perguntou-nos, há pouco, o que íamos fazer para libertar o general...

Insinuou mesmo que éramos responsáveis pela sua prisão, já que tínhamos fé nele...

Olhe para nós, Sr.a Dona Matilde. Abra bem os olhos e veja quem somos e ao que estamos reduzidos.

(Chega ao pé dum velho e põe-lhe as mãos sobre os ombros)

Este é tão doente que não pode pedir na rua... Para se aguentar de pé, tem de se encostar a uma parede...

(Chega junto de outro)

Manuel revela uma grande ternura pelas pessoas que vai indicando.

Este tem dois cepos em vez de braços...

(Ri-se com amargura)

São a sua fortuna... Ganha o pão exibindo-se, em chaga, pelas feiras...

(Pausa)

Há aqui quem faça de parvo para fazer rir os outros...

(Imita um atrasado mental)

Sabemos, desde miúdos, que a doença, a miséria e a dor fazem rir os mais afortunados...

(Olha fixamente para Matilde) A frase tem o tom de uma acusação.)

A senhora, hoje, veio ter connosco porque não sabia para onde se havia de voltar...

(Pausa)

Gesticula a falar.

Mas nós passamos a vida inteira a ir ter convosco porque também não temos a quem recorrer! E que nos dão, senhores, que nos dão quando lhes batemos às portas no Inverno, com os filhos embrulhados em trapos, tão cheios duma fome que o pão, só por si, não satisfaz?

(Pausa)

Cinco réis, senhores! Dão-nos cinco réis ou dizem-nos que tenhamos paciência!

(Mete a mão no bolso e tira uma moeda)

Rita!

(Rita levanta-se e aproxima-se. Manuel entrega-lhe uma moeda)

Dá isto à Sr.a Dona Matilde e manda-a embora. Se ela voltar, diz-lhe que tenha paciência. Não queremos pobres à nossa porta!

(Para o povo)

Quando precisamos deles, dão-nos cinco réis! Quando precisam de nós, pedem-nos a vida!

Fica de braços cruzados e de costas voltadas para Matilde.

Vira-se lentamente e encara Matilde.

(Cada vez mais excitado)

Se há guerra, se temos o inimigo à porta - Aqui d'el-rei que a terra é de todos e todos a temos que defender, mas, batido o inimigo, chegada a época das colheitas, quando se trata de comer os frutos da tal terra que é de todos, então não! Então a terra já é só deles!

(Cala-se, visivelmente cansado, e deixa cair a cabeça sobre o peito. Durante uns segundos ninguém fala)

Rita!

(Rita, que se conserva acabrunhada com a moeda na mão, faz um gesto indicativo de que o está a ouvir)

Não lhe dês a moeda.

(Para Matilde, depois duma pausa)

Desculpe o modo como a tratei.

A senhora não merece as palavras que proferi, mas eu também não mereço tê-las proferido...

Veja como andamos ambos perdidos e afastados do que somos e do que deveríamos ser!

(Olha para o céu)

Adivinha-se em Manuel o sonhador que se domina e que raras vezes se dá ao luxo de sonhar.

Vem aí a madrugada...

(Respira fundo, enchendo os pulmões de ar)

O céu está carregado de estrelas e o ar tão puro, que só de cheirá-lo nos sentimos outros!

(Pausa)

A frase é proferida com entusiasmo.

- Ah! Senhora, se o general estivesse esta noite aqui, levava-nos com ele até ao fim do mundo!

(Pausa)

A frase é proferida com entusiasmo

Descreve uma visão que o fascina. Será a primeira vez que a tem?

Que estranho exército não formaríamos! Rotos, coxos, sem armas e sem tambores, a abarrotar de fé, deixaríamos atrás de nós um rasto de sangue que nem as chuvas do Inverno lavariam das estradas: um rasto do nosso próprio sangue, senhora, do sangue das nossas feridas, dos nossos pés cansados, das nossas almas vazias...

(Pausa)

Volta repentinamente à realidade e A quebra é súbita, inesperada.

Mas o general está preso em São Julião da Barra, nós... estamos presos à nossa miséria, ao nosso medo, à nossa ignorância...

(Pausa)

Não a podemos ajudar, senhora. Deus não nos deu nozes e os homens

tiraram-nos os dentes...

(Sorri)

Não temos dentes nem nozes.

(Matilde, que já chegou à frente do palco, detém-se e volta-se para Rita)
O tom é profético e triste. Manuel como que pede desculpa do que diz.

Amanhã, quando começarem a agradecer a Deus a prisão do general, estaremos à porta das igrejas pedindo esmola...

(Pausa)

Depois de amanhã, senhora, estaremos arrefecendo as almas ao calor das fogueiras... Até havemos de aplaudir...

(Pausa)

Não nos leve a mal, senhora, a culpa não é nossa...

Depois duma breve hesitação.
(Matilde, que já chegou à frente do palco, detém-se e volta-se para Rita)

Matilde - A minha moeda, Rita!

(Rita hesita e olha para Manuel.)

Manuel *(Para Rita)* - Dá-lha, mulher.

(Para Matilde)

Não é uma esmola. Dou-lha para que a use ao peito, como uma medalha. Tivesse eu mais, e dava-lhe trinta - as trinta moedas por que se vende a alma. Quem as pague ou as receba, perde o direito à esperança, senhora.

(Rita entrega a moeda a Matilde. Num gesto impulsivo, beija-a e corre a juntar-se aos seus. A luz que iluminava o povo apaga-se gradualmente e apenas Matilde permanece iluminada. António de Sousa Falcão surge pela direita do palco.)

Sousa Falcão (*Entra no palco já a falar*) - Matilde: em pouca conta a teria se lhe ocultasse a verdade. Quem acompanhou a Gomes Freire em todas as lutas da sua vida tem direito a estar presente até ao fim e a assistir, de pé, à sua derradeira batalha.

Matilde - Que novas traz, António?

Sousa Falcão - Tantas e tão más, que se me aperta o coração só de pensar nelas.

Matilde (*Com grande ansiedade*) - Deixam-me vê-lo? Diga que me deixam vê-lo!

Sousa Falcão - Não lhe posso ocultar nada, Matilde. Não autorizam que ninguém o veja.

O relato é feito em tom monótono.

A ira supera o espanto.

Matilde - Como é possível que os outros todos possam falar com quem querem e só ele seja privado de ver os seus parentes e os seus melhores amigos?

Sousa Falcão - Ao chegar a São Julião da Barra, meteram-no logo numa masmorra e aí ficou todo o dia, às escuras, até que, ao cair da noite, uns oficiais lhe mandaram uma enxerga e duas mantas por piedade...

Só ao fim de seis dias lhe abonaram dinheiro para comer.

(Matilde, de mãos postas, angustiada, cai de joelhos)

Adoeceu, chamaram um médico que entendeu provir a doença de o não deixarem barbear-se.

O comandante do forte pediu autorização para comprar navalhas de segurança. Não lha concederam...

Matilde (*Grita*) - Mas que gente é esta?!

Sousa Falcão continua no tom anterior. Dir-se-ia que não ouviu Matilde.

Sousa Falcão - O comandante do forte prontificou-se a estar presente quando o barbeassem.

Não o autorizaram. Pediu a demissão. Recusaram-lha.

Comunicou com Beresford e logo D. Miguel Pereira Forjaz escreveu ao marechal estranhando que ele comunicasse com um preso de estado.

(Sousa Falcão aproxima-se de Matilde e ajuda-a a levantar-se)

Não lhe permitiram que escolhesse um advogado e nomearam-lhe um que já tem a seu cargo a defesa de 12 presos.

(Matilde vagueia no palco ao acaso.)

(A voz é angustiada)

Matilde - O meu homem! o meu homem, que nunca lutou com gente desta... metido numa masmorra, ele, que se bateu sempre em campo aberto...

Preso como um cão...

(Começa a chorar)

Fala mais baixo. A evocação do passado aumenta-lhe a tristeza.

Ninguém trata dele... para ali, sozinho, abandonado. Era eu que lhe cuidava da roupa, sabia, António? E que lhe preparava os pratos de que mais gostava...

Sousa Falcão *quase a chorar.* - Matilde...

Matilde - Era capaz de comer galinha todos os dias, mas não gostava de canja. Gostava dela assada, no forno...

Sousa Falcão *(Em voz muito baixa)* - Matilde...

Matilde - Mas era raro comê-la. Às vezes nem dinheiro tínhamos para o pão...porque um dia - lembro-me tão bem!- vendeu duas medalha em Paris, porque não tínhamos vintém em casa...

(Levantando o rosto e olhando para Sousa Falcão)

Há nestas frases de Matilde uma alegria especial, a alegria que provém de estar revivendo tempos felizes que já passaram.

(Sorri)

Sabe o que ele fez com o dinheiro? Comprou-me uma saia verde. Disse-me que era para quando voltássemos a Portugal...

(Pausa)

Foi no Inverno. Caía neve.

(Pausa)

Nunca a vesti...

(Encolhe os ombros)

Nunca calhou, não sei porquê...

Sousa Falcão - Oiça, minha amiga...

Matilde - Talvez a vista no dia em que ele sair do forte, para o receber, quando chegar a casa - a minha saia verde...

Que acha, António? Acha que a vista nesse dia?

É quase infantil ao tentar convencer-se de que voltará a ver o general.

Sousa Falcão *(Com voz tremente)* - É uma boa ideia, Matilde. Julgo que lhe dará uma grande alegria...

Matilde - E asso-lhe uma galinha, no forno, como ele gosta....

Sousa Falcão - Sim, Matilde.

Regressa à realidade. O seu tom tem a tristeza de quem sabe que não há esperança possível.

Matilde *(Depois duns instantes de silêncio)* - Não sei como agradecer-lhe tudo o que foi para nós, António: o amigo das coisas importantes e das pequenas coisas - essas pequenas coisas que só os verdadeiros amigos compreendem. Assistiu à morte do nosso filho e... agora, finge acreditar que

vou ter ocasião de vestir a saia verde!

Ainda que o não creia, fico-lhe igualmente grata por ambas as coisas.

(Afasta-se. Fica de costas para Sousa Falcão)

Diz por dizer. Sabe que não há nada a fazer, mas não deseja reconhecê-lo em frente de Matilde.

Ambos sabemos que ele não sairá vivo de São Julião da Barra. Não o podem deixar sair, António. Onde quer que o encontrassem lembrar-se-iam do que são, e nenhum deles pode correr o risco de encontrar a sua própria consciência ao dobrar uma esquina.

Sousa Falcão - Talvez ainda haja esperança...

Matilde - Obrigado, meu amigo. Obrigado por ma querer dar, mas não: nesta terra, a esperança é uma palavra vã.

(Pausa)

Eu é que tenho de continuar como se a tivesse. Sou a mulher dele, António... e ele... é o meu homem.

Enquanto nos não matar em, aquele de nós que estiver livre tem de lutar.

Sousa Falcão - Mas como, Matilde? Como é que se pode lutar contra a noite?

Matilde - Vamos falar com o D. Miguel Forjaz.

Com a energia possível a quem chegou ao fim das suas forças.

Sousa Falcão - Nem nos receberá! Conheço-o há muitos anos. É frio, desumano e calculista. Odeia Gomes Freire com um ódio que vem de longe, um ódio total, que não perdoa, nada! Lembre-se de que são primos, e antigos camaradas de armas... Um é franco, aberto, leal.

O outro é a personificação de mediocridade consciente e rancorosa.

Gomes Freire perdoaria a D. Miguel Forjaz, mas D. Miguel Forjaz vai enforcar Gomes Freire.

É inútil bater-lhe à porta.

Matilde - Um cristão não fecha assim a porta a uma desgraçada que lhe vem pedir pela vida do seu homem... tem de me ouvir.

Sousa Falcão *(Com azedume)* - D. Miguel é um cristão de domingo, Matilde. Pode estar certa de que todos os dias dá, a um pobre, pão que lhe baste para se conservar vivo até morrer de fome...

Matilde - Mas temos de ir, António.

Sousa Falcão - Não nos receberá.

Matilde - Nesse caso iremos para que não nos receba.

(Como quem faz uma descoberta)

É isso mesmo, António! Iremos para que não nos receba.

(Pega no braço de Sousa Falcão e dirigem-se ambos para o centro do palco. Detêm-se a meio caminho.)

Vindo do fundo, surge um criado, de libré, que se coloca à frente deles)

Diga ao Sr. Governador que lhe pedem audiência Matilde de Melo e António de Sousa Falcão.

(Matilde continua para Sousa Falcão, enquanto o criado se afasta, e como que alucinada)

É preciso que os homens se definam para que possam ser julgados.

É preciso que ele não nos receba - é a nossa oportunidade de o obrigar a definir-se, de o colocar no banco dos réus, para que o juiz o possa julgar...

Sousa Falcão *(Com desânimo)* - Que juiz?

Matilde - Eu, o Gomes Freire, o criado, ele próprio, a vida...

Criado *(Reaparecendo)* - Sua Ex^a não recebe amantes de traidores e amigos dos inimigos d'el-rei.

Então todo o desespero reprimido desde a Prisão de Gomes Freire vem à superfície.

Corre para o fundo do palco como se tivesse endoidecido.

Sousa Falcão *(Desvairado, corre para o fundo do palco) - Cão! Covarde! Assassino! Pega na espada e vem bater-te como um homem!*

Não te escondas atrás do cargo que ocupas!

Eu sei quem tu és!

(O criado desaparece e Sousa Falcão segue-o, gritando, até desaparecer também)

Cão! Assassino!

(Matilde de Melo regressa à frente do palco. Vem nitidamente humilhada pela resposta do governador e marcada pelo sofrimento dos últimos dias.)

Matilde *(Fala muito lentamente, com a voz embargada pela comoção) - O amor intenso que unia Matilde a Gomes Freire explica todas as suas reacções.*

Matilde a Amante dum traidor... E assim acabamos a vida... Tu, que deste aos homens tudo o que tinhas e viveste de mãos abertas, acabas enforcado com o rótulo de traidor.

(Começa a chorar)

E eu... que nasci tua mulher, morro tua

(Começa a chorar)

- amante! Nem me recebem, meu amor.

(pausa)

O amor intenso que unia Matilde a Gomes Freire explica todas as suas reacções. Para Matilde o mundo não passava dum inimigo que os perseguia a ambos. Só adiante, no decorrer da conversa que tem com o principal Sousa, começa a tomar consciência da posição do general em relação ao que se passa no país.

Tudo isto se deve depreender dos seus gestos e do seu tom de voz.

Não querem nada connosco...

(Pausa)

Chegamos ao fim da vida - matam-nos e nem nos consideram dignos duma explicação...

Tratam-nos assim, como se nunca tivéssemos existido...

(Abre a mão e olha para a moeda que lhe deu Manuel)

Vivemos sempre sem nada; demos tudo o que tínhamos - tu e eu -, tudo o que tínhamos, e acabamos sem nada...

Até esmola me dão!

(Pega na moeda com dois dedos e observa-a)

Vês? Deram-me esta moeda. É uma das trinta moedas com que se compram e vendem as almas... Neste reino as almas não são caras, meu amor!

(Volta a observar a moeda)

Uma das trinta moedas!

(Endireita-se. Recupera parte da sua antiga energia. Como que se adivinha nela a mulher que acompanhou Gomes Freire pelos campos de batalha da Europa. Fala para o palco)

Sr. Principal: a quanto montam os seus bens?

(Estende o braço com a moeda na mão)

Quantas moedas destas tem nos cofres da sua igreja? 30, 60,

(Surge, a meio do palco, intensamente iluminado, o principal Sousa. Está vestido de gala e sentado na cadeira em que apareceu no 1º Acto)

Principal Sousa *(Em tom paternal)* - Atendendo ao estado de espírito em que se encontra, perdoo-lhe as palavras que acaba de proferir. Entre, minha filha, entre nesta casa, *(Faz um gesto convidativo. Depreende-se, desse gesto, que o Principal está convidando Matilde a entrar num local sagrado)* onde encontrará a resignação de que tanto necessita...

Matilde - Sou amante dum traidor e mesmo os traidores têm honra, senhor!

São tantas as portas que se nos fecham, que acabamos por ter medo das que se abrem à nossa frente...

Principal Sousa - Deus abre todas as portas...

Matilde (*Exaltada*)

Aponta para fora do palco, para o forte que nunca lhe sai do pensamento.

Em tom moderador.

Pois que vá abrir as do forte de São Julião da Barra, se é capaz! Que as abra de par em par, para que todos vejam quem lá está!

(*Domina-se*)

O senhor, como governador do Reino, mandou prender e condenar um inocente...

Principal Sousa - As razões do Estado...

Matilde - Conheço esse argumento.

Foi com ele que justificaram a condenação de Cristo!

Principal Sousa (*Exaltado*) - Cale-se! Há lábios que não têm o direito de pronunciar esse nome!

Matilde (*Com escárnio crescente*) - Os meus, bem o sei!

Sou amante dum homem, e não tenho o direito de pronunciar o nome de Cristo, mas o senhor, que condena inocentes a quem aconselha resignação,

(*Pausa*)

que dá esmola aos pobres e condena à força os que pretendem acabar com a pobreza,

(*Pausa*)

o senhor, que condena a mentira em nome de Cristo e mente em nome do

Estado,

(Pausa)

que vende Cristo todos os dias, a todas as horas, para o conservar num poder que Ele nunca quis,

(Pausa)

o senhor, tem o direito a pronunciar o seu nome!

(Ri com escárnio)

Diga-me: também lhe aconselha, a Ele, que se resigne?

“Perdoai-nos, Senhor, as nossas dívidas. Como nós perdoamos aos nossos devedores.”

A quantos devedores perdoou o senhor, durante a vida?

(Ri-se)

Como governador, já ,perdoou a Cristo o que Ele foi e o que Ele ensinou?

(Com amargura)

Quanto lhe deve Cristo senhor? Já fez as contas?

(Pausa)

Pois venho aqui pedir-lhas em nome dum credor - do credor Gomes Freire d'Andrade, que está lá em baixo, preso em São Julião da Barra, aguardando que o senhor pague o que lhe deve.

O Principal Sousa está acabrunhado. Fala, mais para interromper Matilde do que por espanto.

Principal Sousa - O que lhe devo?!

Matilde *(Com autoridade)* - Cale-se! Agora sou eu que lho ordeno! De tanto abrir a boca, taparam-se-lhe os ouvidos e de tantas vezes repetir a mesma coisa,

esqueceu-se de que as palavras têm sentido e obrigam a quem as profere! A todos chega a hora de prestar contas.

(Pausa)

Ainda se lembra das palavras de seu Amo?

“Ninguém pode servir a dois senhores: porque ou há-de odiar a um e amar o outro, ou há-de afeiçoar-se a um e desprezar o outro.”

O vosso credor Gomes Freire d'Andrade deseja saber a quem servis!

(Pausa)

“Bem-aventurados os que sofrem perseguição por amor da justiça porque deles é o reino de Deus.” O vosso credor Gomes Freire d'Andrade está numa masmorra por amor da justiça e quer saber o que fizestes, senhor, para reconhecer o seu direito a esse amor!

(Pausa)

“Porque eu vos digo que se a vossa justiça não exceder a dos escribas e a dos fariseus, não entrareis no reino de Deus.”

Fica parada no palco, numa atitude que quase se poderia classificar de heróica.

Senhor: ainda os presos não tinham sido condenados e já nas igrejas se rezavam Te Deum!

O vosso credor Gomes Freire d'Andrade exige que a vossa justiça exceda a dos escribas e dos fariseus!

Ouviste o que foi dito aos antigos: não matarás e quem matar será condenado em juízo.

O vosso credor Gomes Freire d'Andrade vai ser morto por ordem da regência de que fazeis parte - ou será que a vossa mão direita não sabe o que faz a esquerda?

(Avança para ele)

Estou aqui a pedir-vos contas!

(O principal permanece em silêncio, com os olhos postos no chão. Entra pela

direita o frade Jerónimo Frei Diogo de Melo e Meneses.)

Frei Diogo - Venho de confessar o general, em São Julião da Barra.

A afirmação é dirigida a Matilde como ao Principal Sousa.

Matilde (*Corre para o frade*) - Como está ele? Frei Diogo, como está ele? Falou-lhe de mim? Que lhe disse? Por amor de Deus, conte-me tudo... tudo...

(Cai de joelhos em frente do frade.)

Frei Diogo - Se há santos, Gomes Freire é um deles...

Principal Sousa (*Paternalmente*) - Tudo o que disser a essa mulher só lhe poderá aumentar o sofrimento.

Tenho estado a ouvi-la, pedindo a Deus que me dê paciência para lhe não responder...

Frei Diogo - Deus veio à Terra responder a todas as perguntas, Reverência.

Principal Sousa (*Com autoridade*) - Há quem não esteja preparado para ouvir a palavra do Senhor.

Frei Diogo continua a falar no mesmo tom de voz, como se não tivesse ouvido o principal Sousa.

Frei Diogo - Talvez tenha razão, Reverência, mas não sou homem para grandes subtilezas. Se me permite, retiro-me.

(Faz uma vénia e encaminha-se para a direita do palco. Antes de sair volta-se para Matilde, que permanece de joelhos, e fala.)

Frei Diogo - Ao despedir-se, o general pediu-me para a procurar, minha senhora, e para dizer que tem pensado em si constantemente.

Foi um grande privilégio que Deus lhe concedeu - o de viver ao lado dum homem como o general Gomes Freire.

Principal Sousa - Frei Diogo!

Frei Diogo - A misericórdia de Deus é infinita. Tão grande que os homens não a podem conceber. Haja o que houver, não julgue a Deus pelos homens que falam em Seu nome.

Principal Sousa (*Levantando-se exaltadíssimo*) - Saia!

Frei Diogo (*Para Matilde*) - Não faça a Deus o que os homens fizeram ao general Gomes Freire: não O julgue sem O ouvir. Deus carece cada vez mais desse direito.

(Sai pela esquerda do palco. O principal Sousa fica de pé, com as pernas abertas, em atitude de ira. Matilde levanta-se lentamente.)

De entrada, Matilde fala com lentidão, pesando bem as palavras.

Matilde - É tão grande o desprezo que tenho por si, tão infinito o meu nojo, que só por caridade não traduzo em palavras o que sinto no coração.

Judas, que traiu Cristo uma vez, acabou enforcado numa figueira, mas Vossa Reverência, que O trai todos os dias, vai acabar entre os seus com todas as honras que neste Reino se concedem aos hipócritas e se negam aos justos.

O meu homem vai morrer lá em baixo, junto ao mar, com o som do vento nos ouvidos, mas Vossa reverência há-de morrer, um dia, ouvindo, por entre o latim, as suas pragas.

Alguma vez ouviu praguejar um homem, Reverência? Um homem a sério, capaz de palmilhar as estradas da Galileia? Capaz de passar 40 dias no deserto, ou 150 metido numa masmorra? Então oiça!

(Durante uns instantes fica parada em atitude da quem ouve um ruído longínquo)

Não sabe donde vêm as pragas, pois não? Tanto podem vir do Céu como de São Julião da Barra...

Pois há-de viver até ao fim dos seus dias sem o saber... e à medida que for envelhecendo, à medida que a sua hipocrisia se for afinando até morrer convencido de que foi cristão, o som destas pragas há-de ir aumentando de volume até lhe encher os ouvidos, até que não possa ouvir mais nada.

Há-de-o ouvir no som do vento que lhe entra pelas janelas... no bater das portas da sua igreja... na voz das crianças que lhe pedirem esmola...

Esta praga lhe rogo eu, Matilde de Melo, mulher de Gomes Freire d'Andrade hoje 18 de Outubro de 1817.

(O Principal Sousa senta-se na cadeira. Ao longe, muito ao longe, começa a ouvir-se o murmúrio da multidão, entrecortado, de quando em quando, por latim)

Todos somos Cristo, Reverência e todos começamos pela esperança de que se realize o que há de Cristo em cada um de nós.

A uns mata-lhes a vida a esperança, a outros matam-na os que em seu nome falam, tendo-a já perdido...

Mas há quem escape, Reverência, quem chegue ao fim da vida com o seu Cristo tão intacto como no dia em que nasceu.

Esta frase contém uma crítica ao principal. É proferida em tom de desafio.

Esses morrem na forca ou apodrecem nas prisões, não vá a sua presença incomodar a burocracia de Deus!

(Matilde está cansada. A sua voz é trémula. Dir-se-ia que já não sabe o que diz. Por vezes tem dificuldade na escolha das palavras)

Há quatro dias que não me deito e que não sinto, na minha, qualquer mão amiga...

Oiço-me falar, mas já não sei o que digo.

Quero calar-me e não posso. Se me calo, vejo-o à minha frente, sozinho, à espera de que o vão buscar...

Não reza porque viveu tão perto de Deus que nem precisa de se lhe dirigir...

Pensa em mim com lágrimas nos olhos e gostaria de que eu estivesse ao seu lado.

Estive sempre ao seu lado e, agora, quando mais precisávamos de estar de mãos dadas, estou aqui, longe dele, só, com a saudade imensa que já sinto da sua voz...

(Cobre o rosto com as mãos)

Do seu corpo...

(Cai de joelhos. O murmúrio da multidão, que se aproxima, é cadenciado e regular. Adivinha-se que entoam canções. Pela esquerda do palco surge António de Sousa Falcão.)

Sousa Falcão - Os presos já vão a caminho do Campo de Sant'Ana, Matilde. Temos de partir.

Do alto da serra poderemos ver a fogueira em São Julião da Barra. Como se estivéssemos com ele até ao fim...

Matilde (*Ajoelhada, para o principal Sousa*) - Salve-o... salve-o... Ainda está a tempo... um correio, a cavalo, chega lá em meia hora... Salve o meu amor, senhor, o meu amor... que é tudo o que tenho...

(*Entra D. Miguel Pereira Forjaz, que fica ao lado do principal Sousa.*)
Começa por estar confuso, mas vai-se dominando gradualmente.

D. Miguel - Lisboa há-de cheirar toda a noite a carne assada, Excelência, e o cheiro há-de-lhes ficar na memória durante muitos anos... Sempre que pensarem em discutir as nossas ordens, lembrar-se-ão do cheiro...

(*Com raiva*)

É verdade que a execução se prolongará pela noite, mas felizmente há luar...

Matilde - Os homens fizeram Deus à sua imagem e semelhança e depois fizeram-se à imagem e semelhança de Deus...

Quem foi que me disse isto? Já não sei... Só sei que tenho de ir para o alto da serra com o António.

Que Deus me dê forças, já que as minhas acabaram - e que Deus o salve, já que eu não posso.

(*A luz que incide sobre o principal Sousa apaga-se gradualmente. Surge uma cruz iluminada a meia altura do palco. Matilde fala para a cruz*)

A partir desta frase, Matilde fala com crescente intensidade dramática.

Senhor: deste-me a melhor das vidas que eu poderia ter desejado.

Deste-me um homem que amei e que amou, um homem que encheu todos os meus dias de felicidade e a quem fiz feliz. Não Vos pedi mais nada e, por isso, as nossas contas estão saldadas.

Mas as contas do meu homem estão por fechar.

Deste-lhe cinco talentos e ele transformou-os em dez.

Em troca, Senhor, aguardas que o matem sem dó nem piedade, depois dum tormento em que nem quero pensar.

Não, Senhor, não o podes abandonar agora!

Não se entrega, assim, um homem aos cães, depois duma vida de trabalhos e de canseiras, só porque a idade lhe aumentou a fome e a sede de justiça!

(Começam a entrar no palco vários populares que se sentam de costas para o público)

Não!

Disseste um dia que quem desse de beber a um pobre Te estava dando de beber a Ti...

Pois o meu homem quis saciar a fome e a sede de todos os pobres e está preso à ordem dos donos das fontes!

(Entram mais populares que se juntam aos primeiros)

Preso, Senhor, à espera de que os vendilhões do templo o levem à força!
Por quem és Tu, Senhor, por Ti ou contra Ti?

(Levanta-se)

Quando vieste à Terra, com a Tua mensagem de salvação, quem encontraste a Teu lado?

(Faz um gesto que abrange o povo)

Estes?

(Faz um gesto que abrange o cardeal, D. Miguel Forjaz e os espectadores)

Ou estes?

E quem deu vida às Tuas palavras, espalhando-as pelos quatro cantos da Terra?

(Repete o primeiro gesto)

Estes?

(Repete o segundo gesto)

Ou estes?

E por quem estás agora, Senhor? Pelo meu homem , que deu a vida por estes...

(Repete o primeiro gesto)

Ou pelos Teus inimigos de sempre?

(Matilde cai no chão inanimada. Acende-se a luz que incide sobre o principal Sousa, que se levanta.)

Principal Sousa - Paciência, minha filha... Até Deus se resignou ao Seu destino!

(Apaga-se a luz que incide sobre Matilde de Melo e reacende-se a cruz)

Trata-se de uma confissão de impotência e, simultaneamente, duma crise de honestidade.

Senhor: que hei-de eu responder? Ensinaaram-me a argumentar com doutores, mas faltam-me as palavras para falar a quem não conhece os argumentos!

Sinto-me como um doutor do templo no dia em que lá entraste...

Dir-se-ia que profere uma sentença.

(O murmúrio do povo e o ruído de padres rezando em latim aumenta de intensidade. O Principal Sousa fica de pé com a cabeça descaída, enquanto António de Sousa Falcão corre para junto de Matilde, a quem ajuda a levantar-se. Matilde e Sousa Falcão saem pela esquerda do palco. Antes, porém, de sair, Matilde tira do bolso a moeda que lhe deu Manuel e lança-a aos pés do principal Sousa.)

Matilde - Tome-a. É sua!

(Para o céu)

Senhor: não pretendo ensinar-Te a ser Deus, mas, quando chegar a hora da

sentença, não Te esqueças de que estes sabiam o que faziam!

Matilde e Sousa Falcão saem pela esquerda. A cena deixa de se ver e, muito gradualmente apaga-se a luz que incidia sobre o principal Sousa. Durante uns instantes ouve-se o latim dos padres que acompanham os presos ao Campo de Sant'Ana e vêem-se os populares, sentados, à meia luz. Depois, sùbitamente, o palco fica às escuras e em silêncio. Nesse mesmo momento, muito gradualmente, a luz volta ao palco de forma a que os presentes fiquem na penumbra. O povo continua sentado de costas para o público. À esquerda e a meio do palco adivinham-se os vultos de Matilde de Melo e de Sousa Falcão, de pé, com os olhos postos no horizonte.

Manuel (*Sentado de costas para o público e quase em surdina*) - Pediu que o fuzilassem, como um soldado, mas recusaram-lho.

1º Popular - Cães!

Manuel - Quem sai aos seus, degenera! Todos os que saem aos seus, degeneram... Eles, nós, todos...

2º Popular - Depois de o queimarem, vão-lhe atirar as cinzas ao mar...

*(Acende-se um foco pouco intenso que ilumina Matilde e Sousa Falcão.
Matilde veste uma saia verde e Sousa Falcão está inteiramente vestido de negro.)*

Os últimos dias destruíram Sousa Falcão. Adquiriu, todavia, uma calma e uma paz interior que nunca tivera, talvez por ter revisto a sua concepção da posição do homem no mundo.

Matilde (*Com amizade*) - Ele ainda está vivo, António. Não devia ter vindo de luto. Olhe: vesti a minha saia verde. Vê?

Sousa Falcão - Não estou de luto por ele, Matilde, mas a noite passada não pude dormir. Passei a noite a pensar, e, de madrugada, percebi que não sou quem julgava ser...

Matilde - o melhor dos amigos, António.

Sousa Falcão - Nem isso sou! Só é digno de ser amigo de alguém quem de si próprio é amigo, Matilde, e eu odeio-me com toda a força que me resta.

Fosse eu digno da ideia que de mim mesmo tinha, e estava lá em baixo, em São Julião da Barra, ao lado de Gomes Freire, esperando a morte...

Quando os justos estão presos, só os injustos podem ficar fora das cadeias e eu, Matilde, vendi-me para estar, agora, aqui, a vê-lo morrer.

As ideias de Gomes Freire são também as minhas, mas ele vai ser enforcado - e eu não.

Os motivos que os governadores tiveram para prendê-lo, também os tiveram para me prenderem a mim, mas a ele prenderam-no - e a mim não.

Faltou-me sempre coragem para estar na primeira linha...

Durante estes meses, duas vezes dei comigo à berma de lhe chamar louco, para desculpar a minha própria cobardia.

Há homens que obrigam todos os outros homens a reverem-se por dentro...

É por mim que estou de luto, Matilde!

Por mim...

Matilde - Isto é o fim, António...

Sousa Falcão - o fim... Quando virmos, lá em baixo, o clarão da fogueira, já ele morreu...

Matilde - O clarão da fogueira!

Quando o virmos, já ele está aqui ao pé de nós! Foi para o receber que eu vesti a minha saia verde!

(Pausa)

A partir deste momento os gestos e as palavras de Matilde são quase infantis. Está a despedir-se do homem que amou e fá-lo com uma ternura infinita e uma dignidade que a ninguém passa despercebida.

Vem dizer-nos adeus, António, vem abraçar-nos pela última vez. Nunca partiu para uma batalha sem se despedir de mim e, agora, que se acabaram as batalhas, vem apertar-me contra o peito! Quer que o veja pela última vez de uniforme, o uniforme que eu o ajudava a vestir antes das batalhas...

(Pausa)

António: Sinto-o! Vem aí!

(Avança ao encontro de alguém que julga estar a chegar)

Vem a rir, António, vem a rir como se ria antigamente!

(Pausa)

Oiço-lhe os passos... os passos do meu homem!

António: Olhe!

(Matilde avança e abraça um ser imaginário. Ao fundo surge o clarão duma fogueira distante)

Juntos, meu amor, juntos por uns instantes, os últimos instantes em que estaremos juntos na Terra!

Olha, meu amor, vesti a saia verde que me compraste em Paris!

O António chora.

(Para o António)

Não chore, António. Veja como ele ri!

(Faz o gesto de quem abotoa o casaco de Gomes Freire. Fala com ternura)

Esqueces-te sempre deste botão.

(Aponta para a fogueira)

Olha, meu amor, a tua glória!

Vê-a bem, minha vida, porque, quando a fogueira se apagar, tens de te ir embora... Eu não vou contigo, mas verás que é por pouco tempo... Isso, pelo menos, me dará Deus...

(Ao longe o clarão da fogueira começa a apagar-se)

Mais uns instantes, meu amor, e voltará a ouvir tambores!

Desta vez, porém, as fanfarras serão em tua honra...

Estão todos à tua espera, meu homem.

(Pausa)

Parece observar o horizonte.

Oiço-os, ao longe, a falar de ti...

(Pausa)

Olha: já estão formados!

(Pausa)

Dá-me um beijo - o último na Terra - e vai! Saberei que lá chegaste quando ouvir os tambores!

(Estende o pescoço e levanta a cabeça para receber um beijo)

Vai, amor da minha vida...

Com crescente intensidade dramática.

(Por um instante segue-o com os olhos.

Depois com dignidade volta para ao pé de Sousa Falcão)

Julguei que isto era o fim e afinal é o princípio. Aquela fogueira, António, há-de incendiar esta terra!

(O clarão da fogueira diminui visivelmente)

Adeus, meu amor, adeus. Adeus! Adeus! Adeus!

(Para o povo)

Olhem bem! Limpem os olhos no clarão daquela fogueira e abram as almas ao que ela nos ensina!

Até a noite foi feita para que a vísseis até ao fim...

(Pausa)

Felizmente - felizmente há luar!

(Desaparece o clarão da fogueira. Ouve-se ao longe uma fanfarra que vai nun crescendo de intensidade até cair o pano.)

FIM



<http://groups-beta.google.com/group/digitalsource>
http://groups-beta.google.com/group/Viciados_em_Livros